



JUNTOS PÉLO FIM DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



USAID
DO POVO AMERICANO



THE
respond
PROJECT



INDICE

Textos de referência para activistas da Campanha	Pág.
1. Rosa para meninas, azul para meninos?	5
2. Os homens são “naturalmente” mais violentos do que as mulheres?	7
3. Datas marcantes para os direitos das mulheres.....	8
4. Violência: um problema mundial de Saúde Pública.....	12
5. Modelo Ecológico da Violência.....	13
6. O ciclo da violência doméstica	14
7. O que leva uma mulher a permanecer num relacionamento violento?	15
8. Estatísticas Internacionais da Violência Contra as Mulheres.....	16
9. Princípios éticos nos cuidados com a vítima	19
10. Lidando com resistências e oposições.....	21
11. Respondendo à oposição e crítica: lidando com o contrário	25
12. Tabela para determinar riscos das vítimas.....	26
13. Elaborando um plano de segurança com mulheres vítimas de violência.....	28
14. Lei nº. 25/11 – Lei contra a Violência Doméstica.....	30
Actividades realizadas durante a formação dos/das activistas da Campanha	
O que é isso chamado “género”?	41
“Aja como homem...” “Aja como mulher...”	42
Roda de conversa sobre género (O aquário de género).....	45
Analisando as nossas actitudes	47
Expressão e Manifestação das Emoções.....	49
Cuidando de Si: Género e Saúde (A loteria da vida)	50
A violência à minha volta.....	52
Poder e Violência.....	54
Pessoas e Coisas	55
Definindo situações de violência contra a mulher.....	57
Mitos e Verdades sobre a violência contra a mulher	59
A árvore de problemas.....	61
Mapeamento comunitário.....	62
Lidando com resistências e oposições	63
A Máquina.....	66

Texto 1

Rosa para meninas, azul para meninos?¹

Você já percebeu que desde o nascimento, ou até mesmo antes dele, a família e a sociedade já têm expectativas diferentes para meninas e meninos? Primeiro, há toda uma expectativa sobre a descoberta do sexo do bebê. A partir de então, começam-se a comprar as roupinhas: rosa, para meninas; azul, para meninos. Dos meninos, espera-se que sejam espertos, gostem de futebol, tenham muitos amigos, sejam “garanhões”; já as meninas são tratadas como bonequinhas, como se fossem frágeis e sensíveis; almejam que ajudem nas tarefas domésticas, sejam bem comportadas e tenham poucos namorados. E, ao chegar à escola, as crianças já trazem consigo muitos desses valores, que se traduzem no dia-a-dia através de seu comportamento e ideias.

Você, já parou pra se questionar se realmente existe problema no facto de meninas e meninos usarem rosa, azul e todas as outras cores sem distinções? De ambos praticarem o desporto de que mais gostam, livres dos rótulos de que futebol é para meninos e balé para meninas?

Já percebeu que, muitas vezes, na escola, acabamos reforçando esses valores de competitividade e desigualdade entre os sexos? Quando, por exemplo, separamos a fila de meninos e meninas, ao estimularmos os meninos a praticarem desportos colectivos e que exigem esforços físicos e às meninas incentivarmos brincadeiras passivas e, na maioria das vezes, ligadas às tarefas domésticas.

Mas de onde vem tantas diferenças e quais são as consequências?

Muitos desses mitos, à primeira vista, parecem se basear nas diferenças biológicas entre os sexos, ou seja, conforme nascemos homem ou mulher, espera-se que tenhamos comportamentos diferentes, e geralmente opostos: rude/meiga, forte/frágil, público/privado. Contudo, se dedicarmos um pouquinho mais de atenção para esta situação, perceberemos que essa educação diferenciada está carregada de valores que se baseiam em um modelo de sociedade patriarcal e, também, na ideia de superioridade dos homens sobre as mulheres. Além disso, perceberemos que, ao educar mulheres e homens de forma diferente acabamos por limitar as oportunidades de cada uma(um) e contribuir para a desigualdade social entre os sexos.

As consequências disto nos acompanham a vida toda. É só observarmos os altos índices de violência doméstica contra a mulher, o grande número de mulheres que trabalham em profissões menos prestigiadas e os salários mais baixos pagos a elas, bem como o facto de que cabe às mulheres arcar com as tarefas domésticas, e desta forma, com a dupla jornada de trabalho. Assim, para que a educação nossa de cada dia não contribua para o aumento dessas desigualdades, cabe-nos fazer a seguinte distinção:

MULHERES e HOMENS nascem com diferenças biológicas, físicas e anatómicas, que determinam o SEXO; essas diferenças restringem-se basicamente aos órgãos genitais, aparelhos reprodutivos e à

¹Silva, Alaiane de Fátima dos Santos. Por uma educação não sexista / Alaiane de Fátima dos Santos Silva, Daiana da Silva, Iara Amora dos Santos. Rio de Janeiro: CAMTRA, 2009. Pgs 7-13. www.camtra.org.br

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

*função que cada uma(um) tem na reprodução humana. Mas essas diferenças não devem se traduzir em desigualdades sociais, e é justamente o que vem acontecendo, quando passamos a atribuir papéis e/ou funções sociais, culturais e económicas diferenciadas, de acordo com o sexo, atribuindo características distintas a mulheres e homens, denominadas, respectivamente, de FEMININAS e MASCULINAS. A este conjunto de características damos o nome de **GÊNERO**.*

É importante destacar que, diferente do sexo, que é uma característica natural, o género é uma construção sócio-cultural, que pode variar de acordo com o local e o tempo histórico e, por isso mesmo, é mutável, isto é, passível de transformações.

Desconstruindo velhos significados e construindo novos...

Se pesquisarmos no dicionário, encontraremos as seguintes definições...

- **Mulher:** pessoa do sexo feminino depois da puberdade; esposa, quando casada; esposa; senhora;
- **Homem:** A espécie humana; a humanidade; ser humano do sexo masculino; varão (respeitável); o homem na idade adulta;
- **Feminino:** Oposto ao masculino; ovário; que não é macho; fêmea; relativo a fêmea;
- **Masculino:** Que é do sexo dos animais machos.

No entanto, podemos reconstruir os significados destas palavras...

- **Mulher:** Pessoa do sexo feminino, desde o nascimento, independente do estado civil; possui como órgãos sexuais: vagina, seios, útero... ; Pode ter a capacidade de gestar e gerar outra vida, contribuindo com a fecundação (óvulo);
- **Homem:** Ser humano do sexo masculino desde o nascimento; possui como órgãos sexuais: pênis, testículos... Pode ter a capacidade de gerar outra vida, contribuindo com a fecundação (espermatozoide);
- **Feminino:** Características que a sociedade atribui às mulheres; varia de acordo com a cultura da sociedade em que ela vive;
- **Masculino:** Características que a sociedade atribui aos homens; varia conforme a cultura da sociedade em que ele vive.

Para você saber...

SEXISMO: Discriminação baseada no sexo. Assim uma Educação Sexista baseia-se em estereótipos e reforça as desigualdades e discriminações entre os sexos.

PATRIARCADO: Manifestação e institucionalização do domínio dos homens sobre as mulheres e crianças; e a ampliação deste domínio masculino para toda a sociedade.

FEMINISMO: Movimento social que luta pela emancipação feminina e pela igualdade entre os sexos.

Resumindo:

SEXO	GÊNERO
Representa uma característica natural, biológica.	Representa uma construção social e cultural que é passada principalmente pela educação de geração em geração.
É fixo. Quase sempre, nascemos com um sexo e vamos morrer com ele.	É mutável. Os comportamentos e papéis dos géneros feminino e masculino estão constantemente a mudar.
Determina diferenças biológicas, marcadas em nossos corpos.	É uma das principais causas da desigualdade de direitos e poder entre homens e mulheres.
Falamos Mulher e Homem.	Falamos Feminino e Masculino.

Texto 2

Os homens são “naturalmente” mais violentos do que as mulheres?²

Actualmente, pesquisadores sobre violência em quase sua totalidade, afirmam que os aspectos biológicos têm um papel mínimo na explicação do comportamento violento, enfatizando que os factores sociais e culturais são, de facto, os responsáveis pelo comportamento violento de alguns homens. ***Em suma, os homens não são “naturalmente” ou biologicamente violentos, eles aprendem a ser violentos!***

Como se constrói a violência dos homens contra as mulheres?

Michael Kaufman, um dos fundadores da “*Campanha do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres*”, desenvolveu um esquema que chamou de “**Os Ps da Violência dos Homens**”, que traz informações importantes para compreendermos as complexas causas da violência de homens contra as mulheres (e contra outros homens).

1. **Patriarcado** (ou poder patriarcal): para Kaufman, a organização das sociedades patriarcais representa um ambiente favorável à violência, sendo a maioria dessas sociedades estruturada na hierarquia e violência de homens sobre mulheres e também de homens com mais poder sobre homens com menos poder. A violência tem como uma de suas principais funções a manutenção do poder nas mãos da população masculina.
2. **Privilégio** (ou a crença no direito de ter privilégio): indica que a violência cometida pelos homens não acontece apenas devido às desigualdades de poder entre homens e mulheres, mas também ao facto destes acreditarem que merecem certos privilégios pelo simples facto de serem homens.
3. **Permissão**: ao redor do mundo, a violência contra a mulher é abertamente permitida e até estimulada por muitos costumes sociais, códigos penais e por algumas religiões. Do mesmo modo, a violência de homens contra outros homens não é apenas permitida, mas também valorizada e estimulada através de filmes, desporto e literatura.
4. **Paradoxo**: Kaufman denomina como paradoxais/contraditórias as experiências do exercício

²Costa Lima, et AL. Manual da Educação para a Ação: homens pelo fim da violência contra as mulheres. White Ribbon Campaign/CIDA, 2008.

de poder na vida dos homens. Por um lado, a nossa sociedade machista lhes dá mais poder e privilégios do que as mulheres, mas por outro, lhes cobra comportamentos agressivos e de risco que os coloca como líderes em praticamente todas as estatísticas de morte violenta (mortes por homicídio, suicídio, no trânsito ou no trabalho) em todo o mundo.

5. **Psicologia e Pressão Social** (*ou a armadura psicológica da masculinidade*): na busca por se comportar como um “homem de verdade”, muitos homens são levados a criar uma ‘armadura psíquica’ que os obriga a rejeitar qualquer aspecto que possa parecer ‘feminino’. Dentre outras coisas, isso dificulta uma relação de cuidado e afeto entre o homem e seus/suas filhos/as e uma relação mais igualitária com suas companheiras. Além disso, essa ‘armadura’ faz com que muitos homens não aprendam a lidar de maneira saudável e aberta com suas emoções, assim, sentimentos como medo, dor e carinho são frequentemente desencorajados, enquanto a raiva permanece como uma das poucas emoções que eles podem expressar livremente.
6. **Passado** (*ou experiências passadas*): o facto de muitos homens crescerem observando actos de violência realizados por outros homens – muitas vezes os pais – pode caracterizar tais situações como a norma a ser seguida.

Texto 3

Datas marcantes para os direitos das mulheres³

08 de março - Dia Internacional da Mulher

No dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada em Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram queimadas num acto totalmente desumano. Em 1910, durante uma conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 8 de março passaria a ser o “**Dia Internacional da Mulher**”.

31 de julho – Dia da Mulher Africana

Foi instituído a 31 de Julho de 1962 devido a criação da Organização Panafricana das Mulheres, em Dar-Es-Salaam, Tanzânia, por 14 países e oito Movimentos de Libertação Nacional durante a Conferência das Mulheres Africanas. A organização foi criada com o objectivo de discutir o papel da mulher na reconstrução da África, na educação, na garantia da paz e da consolidação da democracia.

³Fonte:

<http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812DC56F8F012DC88F40C42204/DATAS%20E%20CONQUISTAS.pdf>

23 de Setembro - Dia Internacional Contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças

A data foi instituída na Conferência Mundial de Coligação contra o Tráfico de Mulheres, que aconteceu em Dhaka, Bangladesh em setembro de 1999. Foi escolhido o dia 23 de setembro para o dia Internacional Contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças por ser a data de promulgação da primeira lei que pune quem promovesse ou facilitasse a prostituição e a corrupção de menores de idade, isto na Argentina em 1913. Esta lei inspirou muitos outros países a proteger mulheres e crianças contra a exploração sexual e o tráfico de pessoas.

25 de Novembro a 10 de Dezembro - Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres

A campanha tornou-se uma das mais importantes estratégias de mobilização e sensibilização da sociedade para a problemática da violência contra as mulheres.

A questão do direito humano a uma vida sem violência e do enfrentamento à violência contra as mulheres combina uma discussão ampla, que nos permite desvendar e desconstruir as amarras da cultura milenar que estruturou e consolidou as desigualdades de gênero. O grande foco no debate sobre violência contra as mulheres ainda se encontra nos actos violentos visíveis, que deixam marcas físicas, mas não consideram a violência moral e psicológica como prejuízo real às mulheres em situação de violência.

Como uma ação estratégica, a Campanha 16 Dias de Ativismo tem um papel relevante na promoção de debate e propõe dar visibilidade às várias formas de violência contra as mulheres, estimulando o reconhecimento de condutas aparentemente banais e corriqueiras como formas de violência e a adoção de comportamentos críticos, de resistência e de alteração dessas condutas.

A campanha tem início no dia 25 de Novembro e termina no dia 10 de Dezembro, abarcando datas marcantes como:

- **25 de novembro – Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher**

Esta data foi instituída no 1º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado em Bogotá, Colômbia, em 1981, em homenagem às irmãs Mirabal.

Las Mariposas, como eram conhecidas as irmãs Pátria, Minerva e Maria Teresa Mirabal, foram brutalmente assassinadas pelo ditador Trujillo, em 25 de novembro de 1960, na República Dominicana. Neste dia, as três irmãs regressavam de Puerto Plata, onde seus maridos se encontravam presos. Elas foram detidas na estrada e foram assassinadas por agentes do governo militar. A ditadura tirânica simulou um acidente. Minerva e Maria Teresa foram presas por diversas vezes no período de 1949 a 1960. Minerva usava o codinome “Mariposa” no exercício de sua militância política clandestina.

Pela significância histórica desses acontecimentos, o dia 25 de novembro é hoje, mundialmente, um símbolo da luta internacional contra a violência à mulher nas mais diversas partes do planeta.

- **01 de Dezembro - Dia Mundial de Combate à AIDS**

As mulheres são ainda as mais infectadas pela epidemia do VIH e SIDA devido a sua condição social e biológica e afectadas devido a desigualdade de papéis entre homens e mulheres já que têm que assumir os cuidados dos familiares infectados ou doentes.

- **06 de Dezembro - Massacre de Mulheres de Montreal (Canadá)**

Catorze estudantes da Escola Politécnica de Montreal foram assassinadas, no dia 6 de Dezembro de 1989. O massacre tornou-se símbolo da injustiça contra as mulheres e inspirou a criação da *Campanha do Laço Branco*, mobilização mundial de homens pelo fim da violência contra as mulheres.

- **10 de Dezembro - Dia Internacional dos Direitos Humanos**

No dia 10 de Dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), como resposta à violência da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, os artigos da Declaração fundamentaram inúmeros tratados e dispositivos voltados à protecção dos direitos fundamentais. A data lembra que violência contra as mulheres é uma violação dos direitos humanos.

Breve cronologia da conquista dos direitos das mulheres

- **1792** (Inglaterra) - Mary Wolstonecraft (1759-97) escreve um dos grandes clássicos da literatura feminista – *A Reivindicação dos Direitos das Mulheres*.
- **1848** (EUA) - Convenção em Seneca Falls, em Nova Iorque, o primeiro encontro sobre direitos das mulheres.
- **1857** (EUA) – Nova Iorque, em 08 de Março, 129 operárias morrem queimadas pela força policial, numa fábrica têxtil. Elas ousaram reivindicar redução da jornada de trabalho de 14 para 10 horas diárias e o direito à licença de maternidade. Mais tarde, este dia foi instituído, Dia Internacional da Mulher.
- **1893** (Nova Zelândia) - Sufrágio feminino, primeiro país a conceder o direito de voto às mulheres.
- **1928** - Mulheres conquistam o direito de disputar oficialmente as provas olímpicas. O Barão Pierre de Coubertin – criador das Olimpíadas da era moderna e severo opositor à participação feminina – pede demissão do cargo de presidente do Comitê Olímpico Internacional.
- **1949** (França) - A escritora francesa Simone de Beauvoir (1908-86) publica o livro “O segundo sexo”, uma análise da condição da mulher. A frase “Não se nasce mulher: torna-se mulher”, se transforma num marco para os estudos sobre género.
- **1951** - Aprovada pela Organização Internacional do Trabalho, a Convenção de Igualdade de Remuneração entre trabalho masculino e trabalho feminino para função igual.
- **1960** (Sri Lanka) - Sirimavo Bandaranaike torna-se a primeira chefe de Estado mulher.
- **1970** - Mulheres norte-americanas, inglesas, italianas, ganham as ruas difundindo as ideias: “O privado é político, nosso corpo nos pertence”.
- **1979** – “Convenção contra todas as formas de discriminação contra a mulher”. Os Estados

que firmaram a Convenção (Angola ratificou o acordo em 1986), condenaram a discriminação contra as mulheres, em todas as suas formas e concordaram em buscar, através de todos os meios apropriados e sem demora, uma política adequada para combater as distorções.

- **1975** - As Nações Unidas instituem o “Ano Internacional da Mulher”, após a Conferência do México de 1975. O Plano de Ação do México aprovou a Década da Mulher (1975-1985) e definiu metas a serem atingidas nos dez anos seguintes para eliminar a discriminação contra as mulheres.
- **1980** (Islândia) - Vigdis Finnbogadottir tornou-se a primeira mulher eleita democraticamente presidente.
- **1985** (Brasil) - Surge a primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher - DEAM, em São Paulo e, rapidamente, várias outras são implantadas em outros estados brasileiros.
- **1993** (Áustria) – “Conferência de Direitos Humanos de Viena” repudia e condena veemente todas as formas de violência contra as mulheres. Durante o evento, a violação de Género assume o mesmo estatuto que outras violações brutais dos direitos humanos como o genocídio, a limpeza étnica, as torturas, a discriminação racial e o terrorismo.
- **1994** (Egito) – “Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento”. As mulheres participaram ativamente, marcando sua presença e reivindicações nos documentos finais.
- **1995** (China) – “Realizada a IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher”. Marcou o reconhecimento definitivo do papel econômico e social da mulher; abriu os caminhos do futuro, consagrou todas as conquistas das mulheres – o princípio da universalidade dos direitos humanos, o respeito à especificidade das culturas.

Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW)

Aprovada pela ONU no dia 18 de dezembro de 1979, essa verdadeira Declaração Universal dos Direitos da Mulher, mais do que enumerar os direitos humanos das mulheres, enfoca dois conceitos essenciais: **a igualdade entre os sexos e a necessidade de eliminar a discriminação.**

A Convenção pede que os Estados adotem medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra as mulheres em todas as esferas da vida, privada ou pública. Nesse sentido, os Estados devem: abolir regras discriminatórias; modificar as leis que não estão de acordo com esta Convenção; decretar novas leis e tomar ações concretas que promovam a igualdade.

Ao ratificar a Convenção em 1986, Angola se comprometeu a pôr em prática todas as medidas propostas pela mesma.

A ratificação da CEDAW foi um longo processo histórico que envolveu o constante diálogo entre movimentos sociais nacionais e internacionais, entre os Estados e a própria Organização das Nações Unidas. O processo de discussão da Declaração sobre a Eliminação da Discriminação Contra as Mulheres de 1967 entre os países membros da ONU, se deu paralelamente ao surgimento de movimentos feministas ao redor do mundo. A partir do início da década de 70, a discussão dos direitos das mulheres vai aos poucos sendo ampliada até conseguir, mais recentemente, o alargamento dos próprios direitos com o reconhecimento dos direitos reprodutivos como direitos humanos.

Texto 4

Violência: Um problema mundial de Saúde Pública⁴

Um problema que pode ser evitado | Apesar de a violência sempre ter estado presente, o mundo não tem de aceitá-la como parte inevitável da condição humana. A violência pode ser evitada e seu impacto minimizado. A Organização Mundial da Saúde define **violência** como:

“O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.”

Tipos de violências

1.VIOLÊNCIA AUTO-INFLIGIDA | é subdividida em comportamento suicida e auto-abuso.

2.VIOLÊNCIA INTERPESSOAL | é dividida em duas subcategorias:

→ **Violência da família e de parceiro(a) íntimo(a)** - ou seja, violência que ocorre em grande parte entre os membros da família e parceiros íntimos, normalmente, mas não exclusivamente, dentro de casa.

→ **Violência comunitária** – violência que ocorre entre pessoas sem laços de parentesco (consanguíneo ou não), e que podem conhecer-se (conhecidos) ou não (estranhos), geralmente fora de casa.

O primeiro grupo inclui formas de violência, tais como abuso infantil, violência praticada por parceiro íntimo e abuso contra os idosos. O segundo grupo inclui violência juvenil, actos aleatórios de violência, violação ou ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais, tais como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos.

3.VIOLÊNCIA COLECTIVA | é subdividida em violência social, política e económica. Diferentemente das outras duas categorias, as subcategorias de violência coletiva sugerem a existência de motivos possíveis para a violência cometida pelos grandes grupos de pessoas ou pelos Estados. A violência social inclui, por exemplo, crimes de ódio cometidos por grupos organizados, actos terroristas e violência de multidões. A violência política inclui guerras e conflitos de violência pertinentes, violência do Estado e actos semelhantes realizados por grupos maiores. A violência económica inclui ataques de grupos maiores motivados pelo ganho económico, tais como ataques realizados visando a interromper a actividade económica, negar acesso a serviços essenciais ou criar segmentações e fragmentações económicas.

A natureza dos actos violentos pode ser: 1) física; 2) sexual; 3) psicológica; 4) envolvendo privação ou negligência.

⁴Resumo do “Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde” (OMS). Ver integra do relatório em: <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>

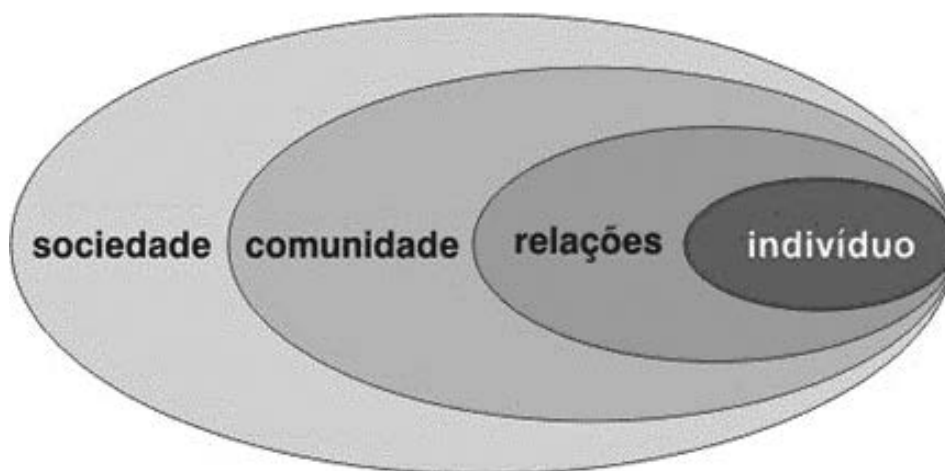


Figura 1 - Modelo ecológico da violência, proposto pela Organização Mundial da Saúde

Este modelo é utilizado amplamente pela Organização Mundial de Saúde para demonstrar a complexidade que envolve cada situação de violência. Quase sempre, múltiplos factores estão em jogo nestas situações e assim é um erro querer apontar apenas um factor como determinante. Por conta disso, a resposta às situações de violência precisam ser igualmente complexas, demandando a participação de toda a sociedade (governo, igrejas, saúde, educação, organizações não governamentais, indivíduos, empresas etc.)

Definições e exemplos dos aspectos do modelo ecológico:

Aspectos individuais | factores biológicos e históricos relacionados ao individuo que influenciam como as pessoas se comportam e como isto tem relação com a probabilidade de serem vítimas ou autores de violência. Exemplos: características demográficas, como idade, educação e salário; transtornos psicológicos ou de personalidade; abuso de álcool e outras drogas; experiências passadas como vítima ou autor/a de violências.

Aspectos relacionais | como as relações - família, amigos, parceiros íntimos, colegas de trabalho – aumentam ou diminuem o risco de sofrer ou cometer violências. Por exemplo, entre mulheres que sofrem violência doméstica, o pouco ou nenhum contacto com familiares e amigos/as aumenta a sua vulnerabilidade.

Aspectos comunitários | como características de nossas comunidades – escolas, ambiente de trabalho, vizinhança, hospital ou postos de saúde, áreas de lazer – aumentam ou diminuem o risco de nos envolvermos em situações violentas. Alguns exemplos: mobilidade (se a população da comunidade é “flutuante” ou a maioria dos/as moradores/as reside no local há muito tempo); densidade populacional; alto nível de desemprego; existência de tráfico de drogas etc.

⁵KRUG, E.G. ; DAHLBERG, L. L. ; MERCY, J. A. ; ZWI, A. B. ; LOZANO, R. **World report on violence and health.** Geneva: World Health Organization, 2002.

Aspectos Sociais | como factores sociais mais amplos contribuem para criar um ambiente no qual a violência é estimulada ou inibida. Estes incluem o acesso fácil a armas de fogo e normas culturais e sociais. Estas normas incluem aquelas que conferem maior poder aos homens e legitimam o domínio destes sobre as mulheres e crianças, o apoio ao uso excessivo de força por policiais contra cidadãos/ãs. Outros factores sociais dizem respeito à saúde (por exemplo, criminalização do aborto e acesso a atenção à saúde de qualidade), economia, educação e políticas sociais que ajudam a manter a desigualdade económica e social entre diferentes grupos na sociedade.

Texto 6

O Ciclo da Violência⁶

A violência doméstica muitas vezes funciona como um sistema circular – o chamado ciclo da violência doméstica – que apresenta, de regra geral, quatro fases:

Fase do “A cúmulo de Tensão”: as tensões quotidianas acumuladas no relacionamento criam um ambiente de perigo iminente para a vítima que é, muitas vezes, culpabilizada por tais tensões. Nos casais com dificuldade de diálogo, a tendência é que esta tensão cresça rapidamente. As situações mais banais podem ser usadas como “desculpa” para actos violentos, como reclamar que a casa não está arrumada ou que o almoço não está bom, que a mulher chegou em casa tarde ou que não cuidou das crianças, etc.

Fase da “Explosão”: a tensão se transforma em actos de violência, que podem ser físicos, sexuais, psicológicos, morais ou patrimoniais.

Fase da Reconciliação: o agressor se desculpa pela violência, chora, implora. Promete nunca mais repetir aquilo; diz que vai buscar ajuda para mudar; dá presentes; pede que a/o parceiro pense na família e nos filhos; recorre aos familiares de ambos para pedir ajuda na reconciliação. A vítima deseja e tenta acreditar que a violência vai parar e que tudo ficará bem.

Fase da “Lua de Mel”: o relacionamento volta a um bom momento, não há discussões ou actos de violência. O/A parceiro/a cumpre com as suas promessas e trata bem os filhos

Este ciclo é vivido pela vítima numa constante de medo, esperança e amor. Medo, em virtude da violência de que é alvo; esperança, porque acredita no arrependimento e nos pedidos de desculpa e amor, porque apesar da violência, podem existir momentos positivos no relacionamento. Uma das principais características desse ciclo é que as suas fases são cada vez mais curtas e assim, os actos de violência passam a ser cada vez mais frequentes e também mais graves. Várias vezes, o ponto final é a morte da mulher, do homem ou de ambos.

⁶Texto adaptado de: Fonte: <http://martinhoesaraiwa.wordpress.com/2011/02/16/58/>



Texto 7

O que leva uma mulher a permanecer num relacionamento violento?⁷

Tem muitas coisas que podem levar uma pessoa a ficar num relacionamento violento. Cada caso é diferente, mas aqui seguem alguns exemplos de questões que podem levar alguém a permanecer nessa situação. - **Para os/as activistas, o mais importante é escutar as mulheres e repassar informação, mas sem julgar e sempre respeitando as suas decisões.**

1. **O maior de todos os riscos é justamente romper a relação** | A violência e as ameaças contra a vida da mulher e dos filhos se tornam mais intensas no período da separação. O homem violento percebe que perdeu o controle sobre sua parceira. Exigir que a mulher em situação de violência abandone o agressor pode ser uma enorme irresponsabilidade se não pudermos oferecer a ela as condições mínimas de segurança para que possa dar esse passo.
2. **Pedir ajuda causa vergonha e gera muito medo** | Imagine o que significa para uma mulher denunciar seu próprio parceiro! Não é a mesma coisa que apontar um ladrão desconhecido que lhe rouba a bolsa na esquina. Além disso, há o perigo dele se tornar ainda mais violento, por ela o ter denunciado. Ainda considere que a vergonha de ter que reconhecer que o seu projecto de ser feliz ao lado da pessoa amada acabou em uma esquadra policial.
3. **Sempre resta a esperança de que o marido mude o comportamento** | Um homem violento faz mais do que pedir perdão, durante a fase de lua-de-mel. Ele pode pedir ajuda e começar a fazer algum tipo de tratamento: entrar para os Alcoólicos Anónimos, procurar um psiquiatra ou uma igreja. Ele pode demonstrar amor, admitir seus erros e jurar que vai fazer o que estiver ao seu alcance para mudar.
4. **A vítima, muitas vezes, está isolada da sua rede de apoio** | Muitas mulheres perdem seus

⁷“Enfrentando a Violência Contra a Mulher: Guia Prático para Profissionais e Voluntários”

laços familiares e sociais. Os maridos violentos são muito ciumentos e controlam seus movimentos. Em muitos casos, elas acabam restringindo as relações com a família e com os amigos para esconder as dificuldades que atravessam. Tornar a violência pública, significa encher-se de vergonha e reduzir as esperanças de recompor o casamento.

5. **Nossa sociedade ainda está despreparada para lidar com esse tipo de violência** | Quando pedem ajuda, as vítimas de violência se defrontam com pessoas despreparadas e desinformadas sobre o problema que elas estão vivendo. Cada vez que um médico, um psicólogo, um líder religioso, um policial, um advogado ou um familiar as trata com indiferença, desconfiança ou desprezo, contribuem para aumentar a violência. Quando isso acontece, as vítimas perdem a esperança de encontrar apoio externo e acabam se submetendo a violência que sofrem.
6. **Concretamente, há muitos obstáculos que impedem o rompimento** | Ao ver que a mulher está disposta a sair da relação violenta, o agressor recorre a todo tipo de chantagem e ameaça: requisitar a custódia dos filhos e não permitir que ela os visite, negar a pensão alimentícia, interferir no trabalho da esposa, difamar a esposa, faz ameaças de morte, ameaça se matar etc.
7. **Algumas mulheres dependem economicamente de seus parceiros violentos** | Muitas mulheres em situação de abuso não têm capacitação profissional para iniciar uma vida no mercado de trabalho.
8. **Deixar uma relação violenta é um processo: cada um(a) tem o seu tempo** | Ao perceber a necessidade de escapar da relação violenta, a mulher tem um longo caminho a seguir: preparar-se afectivamente para o desenlace; preparar-se para sair de casa com segurança, preparar-se economicamente. Essas iniciativas podem levar anos, principalmente se a mulher não contar com nenhum apoio. Esse esforço envolve idas e vindas, avanços e recuos, tentativas e desistências, acertos e erros. **Não se pode, em hipótese alguma, culpar a vítima.**

Texto 8

Estatísticas Internacionais da Violência contra as Mulheres⁸

As estatísticas que se seguem dão conta da gravidade e magnitude do problema de violência contra as mulheres a nível mundial.

Violência na família

A violência no seio da família assume formas diferentes – desde a agressão física à agressão psicológica, como intimidação e humilhação, incluindo vários comportamentos controladores, tais como, isolar a pessoa da sua família e amigos, controlar e restringir os seus movimentos e o acesso a informação ou ajuda.

- Pelo menos uma em cada três mulheres, já foram espancadas, forçadas a ter relações sexuais, ou abusadas de uma forma, ou outra, nas suas vidas. Normalmente, o abusador é um membro da sua família ou alguém conhecido. (E.L. Heise et al. 1999)

⁸Fonte: <http://umar.no.sapo.pt/documentacao/denuncia/dados%20da%20amnistia.pdf>

- Até 70% das mulheres vítimas de assassinio são mortas pelo seu parceiro (OMS, 2002)
- No Kenya, pelo menos uma mulher é morta pelo seu parceiro, por semana (Joni Seager, 2003)
- Na Zâmbia, cinco mulheres são mortas por semana pelo parceiro ou por algum membro da família. (Joni Seager, 2003)
- No Egito, 35% das mulheres casadas já foram espancadas pelo marido. (UNICEF 2000).
- No Canadá, os custos da violência contra a família rondam 1.6 bilhões de dólares por ano, incluindo despesas médicas e baixa de produtividade no trabalho. (UNICEF 2000).
- Nos EUA, uma mulher é espancada a cada 15 segundos, normalmente pelo seu parceiro ou marido. (Estudo da ONU sobre as Mulheres, 2000)
- Na Nova Zelândia, 20% das mulheres casadas já foram espancadas pelo marido. (UNICEF 2000).
- Na Rússia, 36 mil mulheres são espancadas diariamente pelo marido ou parceiro. (OMCT, 2003)

Violência sexual - A violação é a forma mais violenta de violência sexual. A violação está também associada à gravidez não desejada e às doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o VIH/SIDA. Contudo, a violação não é muitas vezes denunciada devido ao estigma que lhe está associado e por isso raras vezes ela é punida.

- Uma em cada cinco mulheres será vítima de violação ou tentativa de violação na sua vida (OMS 1997)
- Na África do Sul, 147 mulheres são violadas diariamente (ISARR, 2003).
- Nos EUA, uma mulher é violada a cada 90 segundos. (Departamento de Justiça 2000)
- Na Turquia, 36% das mulheres sofrem violação marital ao menos uma vez e 16% frequentemente (WWHR, 2000)

Mulheres e a guerra - A violência sobre as mulheres durante conflitos atinge proporções epidémicas. A violação em massa é usada frequentemente como arma de guerra, com o agravamento de durante o conflito as mulheres serem forçadas física e economicamente a tornarem-se prostitutas, para assegurar as necessidades básicas da família.

- 80% dos refugiados são mulheres e crianças. (ACNUR, 2001)
- Em 85% das zonas de conflito armado foi registado tráfico de mulheres e raparigas (Save the Children, 2003)
- Na área de Uvira, na República Democrática do Congo, foram registados desde Outubro de 2002, 5 mil casos de violação, o equivalente a uma média de 40 por dia. (ONU 2003)
- No Ruanda, entre 250 a 500 mil mulheres ou cerca de 20% das mulheres do país, foram violadas durante o genocídio de 1994 (Cruz Vermelha, 2002)
- Na Serra Leoa, 94% das mulheres de famílias deslocadas sofreram agressões sexuais, incluindo violação, tortura e escravatura sexual. (Physicians for Human Rights, 2002)

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

- Na Bósnia e Herzegovina, entre 20 mil a 50 mil mulheres foram violadas durante os cinco meses de conflito em 1992. (IWCT, 2003)
- Em algumas aldeias do Kosovo, 30% a 50% das mulheres em idade fértil foram violadas pelas forças sérvias. (Amnistia Internacional, 1999)

Práticas nocivas

Praticamente todas as culturas do mundo contêm formas de violência sobre as mulheres que são quase invisíveis, porque são vistas como “normais” ou “habituais”.

- Mais de 135 milhões de raparigas e mulheres têm sido sujeitas à mutilação genital e cerca de 2 milhões estão em risco todos os anos. (ONU, 2002).
- 82 milhões de raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos, casarão antes do seu 18º aniversário (UNFP)
- Em mais de 28 países de África, a mutilação genital feminina é praticada (Amnistia Internacional, 1997)
- No Irão, 45 mulheres, com idades inferiores a 20 anos, foram assassinadas por familiares na província árabe de Khuzestan, no contexto dos chamados “crimes de honra”, durante um período de dois meses em 2003. (Middle East Times, 31 Outubro 2003)

As mulheres são vítimas de violência devido à inação do Estado.

A violência contra mulheres é muitas vezes ocultada. Existem vários factores para as mulheres não denunciarem actos de violência, tais como, o medo de retaliação, a falta de meios económicos, a dependência emocional, a preocupação pelos filhos e a impossibilidade de fuga. Poucos países têm formação específica para polícias, procuradores, advogados, juízes e médicos para o tratamento destes casos.

No mundo

- Na África do Sul, apenas 7% dos casos de violação resultam em condenação. (2003)
- No Egipto, 47% das mulheres abusadas nunca denunciaram o sucedido. (OMS, 2002)
- No Chile, apenas 3% das vítimas denunciaram a violação às autoridades. (OMS, 2002)
- Nos EUA, 16% das mulheres denunciaram a violação à polícia. (NVC, 1992)
- Na Áustria, apenas 20% de casos de violação denunciados levam à condenação dos perpetradores (London Metropolitan University, 2003)
- Na Irlanda, apenas 20% de mulheres abusadas fisicamente contactaram as autoridades (OMS, 2002)
- No Reino Unido, apenas 13% das mulheres violadas denunciaram o caso à polícia (Joni Seager, 2003)

IMPORTANTE

Estas informações são retiradas de um manual da MINFAMU direccionado a profissionais que trabalham com o aconselhamento de mulheres vítimas de violência doméstica. Como vocês sabem, a função de vocês neste projecto, nesta campanha, não é a de fazer aconselhamento a mulheres vítimas de violência, no entanto, acreditamos que o conteúdo apresentado abaixo possa ser importante para vocês.

Mas lembrem-se, é provável que vocês sejam solicitados em algum momento a ajudar mulheres que vivem esta realidade. Sempre que isso acontecer, conversem com o/a seu/ua parceiro/a, conversem com os supervisores e com os formadores do projecto. A ideia sempre é que juntos/as chegemos numa decisão de como devemos lidar com estas situações.

Princípios éticos no cuidado das vítimas

1. *Não magoar;*
2. *Garantir segurança e conforto;*
3. *Garantir privacidade;*
4. *Garantir confidencialidade;*
5. *Fornecer informação clara e precisa;*
6. *Fazer perguntas de uma maneira sensível;*
7. *Escutar activa e responsabilmente;*
8. *Observar os sinais para os quais o indivíduo precisa parar durante um aconselhamento ou procedimento; considerar qualquer preconceito, a cultura, a religião ou qualquer outra peculiaridade que possa ter;*
9. *Acreditar e não julgar;*
10. *Manter o profissionalismo no tratamento das pessoas com respeito e compaixão;*
11. *Informar às vítimas sobre os seus direitos e deveres.*

Posturas de um/a aconselhador/a de mulheres vítimas de violência doméstica.

- ▶ Você demonstra que entende, respeita e se preocupa com a vítima. Constrói confiança.
- ▶ Fornece à vítima informações úteis e precisas. A ajuda a entender o valor desta informação.
- ▶ Ajuda a vítima a tomar suas próprias decisões baseadas em informações claras, levando em consideração a situação, seus sentimentos e necessidades.
- ▶ Ajuda a vítima a se lembrar do que fazer.

A importância do primeiro contacto!

O/a profissional de aconselhamento, saúda a vítima de forma simpática e respeitosa, acolhendo-a. Este simples acto de recepção estabelece um bom começo para a relação que se inicia. Uma

⁹MINFAMU. Formação em Habilidades de Aconselhamento. Angola, 2009.

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

boa relação aumenta o nível de confiança e as vítimas se sentem muito mais à vontade com os profissionais em quem podem confiar.

O/a conselheiro/a deve dominar as seguintes habilidades de comunicação:

- **Assistir**
- **Escutar** (*sempre de maneira atenta e respeitosa*)
- **Empatizar** (*Colocar-se no lugar do outro. Implica, por exemplo, sentir a dor do outro como ele a sente e perceber suas causas como ele a percebe, porém sem perder nunca de vista que se trata da dor do outro. Quando fazemos isso de maneira genuína, conseguimos um melhor contacto com quem estamos conversando*)

Assistir é descrito como “**estando com**” a pessoa “vítima”. Há seis (06) modos de assistir:

- Encare a vítima directamente. Adopte uma atitude de envolvimento. Mantenha boa distância.
- Uma postura aberta deve ser adoptada. Braços e pernas cruzadas podem ser um sinal de pouco envolvimento ou disponibilidade.
- Cuidadosamente incline-se para frente. Tenha cuidado em não assustar a vítima.
- Muito cuidado verbal e visual.
- O contacto visual deve ser mantido a um nível confortável. Desviar o olhar frequentemente pode ser um sinal de relutância em ficar envolvido. Contudo, o contacto visual aceitável se altera de acordo com as culturas diferentes.
- Relaxe – sinta-se confortável consigo mesmo e use o seu corpo como forma de comunicação.

Lembre-se: *A vítima sabe mais do que ninguém sobre a sua própria vida, desejos, sofrimentos, sentimentos. Para que a orientação funcione, essas “especialistas” devem compartilhar seus conhecimentos. Pergunte claramente à vítima se o facto de ela ter vindo procurar ajuda traz algum receio, dúvida, ou preocupação. Essa pergunta pode trazer à tona boatos ou dúvidas importantes que ela possa ter.*

Orientar sem controlar: As pessoas são capazes de tomar decisões e só a elas concerne este âmbito. Por isso, um bom profissional de aconselhamento (e activista) não toma decisões pela vítima, ao contrário, ajuda a vítima a tomar suas próprias decisões. Em resumo, é o desejo da vítima, e não o do profissional, que deve determinar o caminho da orientação ou do atendimento policial.

ORIENTAÇÃO (usar!)	CONTROLO (evitar!)
<p>Dizer à vítima claramente que a decisão é dela, mas que você pode ajudar também: <i>“Podemos discutir a sua decisão, mas a palavra final é sua.”</i></p> <p>Ajudar a vítima a pensar sobre os efeitos das suas escolhas, sejam elas boas ou más: <i>“Algumas mulheres ficam em risco ao tomar a atitude de denunciar a violência sofrida. E se isso acontecer com você?”</i></p> <p>Utilize alertas dados pela própria vítima: <i>“Você disse que ele (o marido) após a agressão fica arrependido e afirma que te ama e não o fará mais. Talvez vocês precisem encontrar uma mediação em conjunto.”</i></p> <p>Ao invés de antecipar-se à decisão da vítima, peça que ela declare sua opção ou desejos para, então, repeti-los e discuti-los. <i>“O que você gostaria de fazer face a esta situação”</i></p> <p>Mencionar experiências comuns de outras vítimas e perguntar: <i>“Você acha que é semelhante à situação que você está vivendo?”</i></p>	<p>Dar conselho que não seja solicitado: <i>“Bem, se você quiser minha opinião...”</i></p> <p>Tomar decisão pela vítima: <i>“Se eu fosse você, eu faria o seguinte...”</i></p> <p>Expressar sua opinião pessoal ou criticar o comportamento da vítima: <i>“O que você fez foi errado. Você deveria saber disso.”</i></p> <p>Exigir uma decisão rápida, sem tempo de reflectir: <i>“Esta é a lista de requisitos a seguir. Você tem que começar a agir imediatamente.”</i></p> <p>Antecipar-se à decisão da vítima: <i>“Tenho certeza que você não quer esta acção.”</i></p> <p>Uso de palavras como <i>“deveria”, “sempre”, “tem que”</i> ou <i>“nunca”</i>.</p> <p>Interromper a vítima e mudar de assunto: <i>“Não temos muito tempo. Agora vamos discutir...”</i></p> <p>Assumir que todas as pessoas são semelhantes e têm exactamente as mesmas necessidades: <i>“Eu já vi essa situação muitas vezes, eu sei como isso vai acabar...”</i></p>

Texto 10

Lidando com resistências e oposições

Durante o nosso trabalho, encontraremos pessoas que irão se opor à nossa campanha e aos ideais que estamos divulgando e defendendo. Dentre as críticas que poderemos receber, as mais frequentes serão as seguintes:

- A Lei de Violência Doméstica também deveria enfatizar a violência sofrida por homens.
- Se a violência doméstica é um problema tão grande, porque tantas mulheres permanecem nessa situação? Se elas não saem, porque devemos ajuda-las?
- Uma mulher que anda sozinha a noite e usa roupas indecentes está pedindo para ser violada! Ela sabe que está assumindo um risco.
- Nossa sociedade tem papéis para homens e mulheres e sempre foi assim. Porque vamos querer modificar a nossa cultura? Temos que respeitar o africanismo e negar essas influências externas!
- As vezes é preciso mostrar às mulheres o que elas precisam fazer. Como homens, é nosso papel fazer isso.
- Essa questão de igualdade é um problema das mulheres. Se elas querem mudança, elas que façam alguma coisa. Porque temos que nos envolver?

- A violência baseada em género é um problema de quem sofre e comete. Eu não sou um homem violento, não tenho nada pra mudar ou fazer, vocês devem falar com quem é violento.

É importante que estejamos preparados/as para responder a estes questionamentos. Abaixo descrevemos alguns “caminhos” que podemos tomar para abrir canais de diálogo com pessoas opositoras.

1. A Lei de Violência Doméstica é voltada para qualquer pessoa que sofre violência doméstica, então porque vocês só falam da violência contra a mulher? Muitas mulheres são violentas!

A Lei não é contra homens ou mulheres, ela é a favor de uma sociedade com menos violência doméstica. Da mesma forma, a nossa campanha é contra qualquer tipo de violência doméstica, seja contra homens ou mulheres de qualquer idade.

Abordamos principalmente a violência contra as mulheres porque todos os estudos, em todo o mundo, apontam que elas são as vítimas mais frequente deste tipo de violência, são muito mais vulneráveis. Homens também sofrem diversos tipos de violência e são as maiores vítimas no espaço público, mas no espaço privado, em casa, as mulheres são as principais vítimas.

2. Se a violência doméstica é um problema tão grave, porque tantas mulheres permanecem nessa situação? Se elas não saem, porque devemos ajuda-las? Tem mulher que gosta!

As mulheres permanecem nesses relacionamentos por muitas razões: Financeira (não teriam dinheiro para se manter e manter os filhos sozinha); Falta de perspectiva de emprego (por ter sempre trabalhado na maioria dos casos em casa ou no mercado informal e nunca ter tido oportunidade de estudar); Medo (são ameaçadas pelos maridos e tem medo do que possa acontecer para elas e para os filhos); Pressão da família e da comunidade (ainda hoje, o fim do casamento é visto como um fracasso e especialmente para a mulher, que deve sempre manter a família unida); Religiosidade (acreditam ser um pecado romper o compromisso assumido perante Deus e a igreja e são pressionadas por isso); Dependência psicológica (muitas mulheres estão deprimidas ou têm a auto-estima muito baixa, acreditando até que merecem passar por isso); Falta de apoio institucional e legal (atendimento policial e jurídico geralmente é muito ineficiente e não dá a segurança necessária para as mulheres tomarem e manterem a decisão de sair do relacionamento).

3. Uma mulher que anda sozinha a noite e usa roupas inapropriadas está pedindo para ser violada! Ela sabe que está assumindo um risco.

Nenhuma mulher pede para ser violada. A violação sexual, por definição, acontece quando uma pessoa usa de força física ou ameaça para manter relação sexual com outra pessoa. É preciso responsabilizar o agressor e não a vítima.

O problema não é a mulher ter bebido, usado determinada roupa ou estar em determinado lugar, pois homens bebem, usam a roupa que querem e andam por onde querem e geralmente não são vítimas de violação. O problema é que a responsabilidade é 100% do agressor, que se acha no direito de forçar uma mulher a manter relações sexuais com ele. Precisamos parar de julgar as mulheres e imaginar que isso pode acontecer com nossas mães, esposas, irmãs e amigas.

4. Nossa sociedade tem papéis para homens e mulheres e sempre foi assim. Porque vamos querer modificar a nossa cultura? Temos que respeitar o africanismo e negar essas influências externas!

Será que as coisas sempre foram assim em Angola? Muitos dos hábitos culturais que determinam maior poder para homens vêm de Portugal e da Igreja Católica, ou seja, não são de origem africanos.

A nossa campanha não pretende ofender ou atacar a cultura Angolana ou Banto, mas sim, fortalecer e tornar mais saudáveis as nossas famílias e a nossa comunidade. Para isso, usamos o Pensador, símbolo da cultura Angolana, para demarcar algo forte em nossa tradição, a importância da escuta, da reflexão e do diálogo. O Lar, a casa, deve funcionar como um Ondjango onde qualquer problema encontra solução sem recurso a violência.

Diversos estudos em todo o mundo afirmam que relações mais igualitárias entre homens e mulheres constroem ambientes mais saudáveis e com maior bem estar para homens, mulheres e crianças.

5. Eu me sacrifico todo dia na rua trabalhando pra manter a minha família, o mínimo que ela pode fazer é cuidar da casa e dos filhos, que é uma tarefa simples que qualquer um pode fazer.

Será que ele sabe o trabalho que dá cuidar duma casa e de filhos? Ele já tentou se imaginar no lugar da mulher? Será que ter essa responsabilidade sozinha também não é estressante para a mulher? E se ela também trabalha fora de casa, quem cuidará da casa e dos filhos? Se os dois trazerem dinheiro pra casa as coisas não seriam mais fáceis? Não diminuiria a pressão em cima dele de ser o único provedor?

6. As vezes é preciso mostrar às mulheres o que elas precisam fazer. Como homens, é nosso papel fazer isso.

Será que devemos cegamente seguir alguns papéis que são reforçados por nossa cultura e sociedade? Se pararmos para reflectir, chegaremos à conclusão que esses papéis são justos? É correto seguir fazendo algo que é errado meramente porque achamos que todos fazem, porque faz parte da cultura?

Em um relacionamento ou dentro da família, homens e mulheres devem sempre continuar aprendendo e se tornando pessoas melhores, mais capazes. O diálogo é o principal factor para que isso aconteça. Quando apenas um manda e o outro aceita, nenhum dos lados aprende e cresce, pois não há diálogo, não há negociação. Com o tempo, isso é um dos factores que mais afecta o bem estar do casal e da família.

Vivemos numa sociedade onde há muitas injustiças e desigualdades e o começo da mudança pode vir em nossos lares, através da construção de relacionamentos mais igualitários e saudáveis.

7. Está dito na bíblia, as mulheres devem obedecer aos homens (trazer passagem especifica...). Vocês querem ir contra a palavra de deus?

Respeitamos a bíblia, quase todos os integrantes da Campanha são cristãos, não é a toa que ela é desenvolvida pela UCF... No entanto, acreditamos que algumas passagens da bíblia precisam ser

contextualizadas de acordo com o momento em que vivemos. A bíblia tem algumas passagens que incitam a violência e não vemos mais ninguém divulgando e defendendo isso.

Por outro lado, ela também traz muitas passagens que falam sobre harmonia, diálogo, respeito e amor. Porque nesses casos optamos por reforçar as passagens que defendem a desigualdade entre homens e mulheres, se sabemos que essas desigualdades trazem sofrimento e inclusive muita violência para as mulheres e para a toda a família?

A igreja defende muito a família e nós também. Acontece que muitos estudos comprovam que lares onde há mais igualdade entre homens e mulheres são mais saudáveis e geram filhos mais saudáveis também.

8. Essa conversa de liberação das mulheres e direitos iguais está errada! Antigamente as mulheres sabiam o seu lugar e os homens sabiam o seu e havia menos violência.

Não é possível voltar no tempo, mas é possível reconstruir o nosso presente e futuro. Talvez antigamente as mulheres acreditavam que tinham que sofrer em silêncio e aceitar a violência. A violência doméstica era muito menos contestada e era vista como algo normal, para homens e mulheres. Hoje a história começa a mudar, até as leis angolanas já determinam que isso não é normal e aceitável, mas sim, um crime que deve ser punido.

Quando todos são tratados de maneira justa e não-violenta, então teremos uma sociedade com mais paz. Além disso, a igualdade entre homens e mulheres é boa para todos. Por exemplo, sempre foi um grande peso e pressão para os homens garantirem sozinhos a manutenção financeira da família e hoje, as mulheres podem dividir essa tarefa com eles.

9. Essa questão de igualdade é um problema das mulheres. Se elas querem mudança, elas que façam alguma coisa. Porque temos que nos envolver?

A desigualdade entre homens e mulheres é um problema para todos e todas resolver e inclusive, um tema de grande preocupação dos governos. A falta de oportunidade de trabalho para as mulheres e o menor envolvimento delas na educação formal geram prejuízos gigantescos para a economia do país.

A desigualdade de poder e oportunidades entre homens e mulheres é a grande responsável por diversas violências sofridas por mulheres, como a violação (na rua e no casamento), o assédio sexual no trabalho e a violência doméstica. Todas as mulheres estão expostas a essas violências, inclusive nossas mães, irmãs, companheiras e filhas. Você já perguntou às mulheres que você ama como é ser uma mulher em Angola?

O nosso silêncio é cúmplice de todas essas violências.

10. A violência baseada em género é um problema de quem sofre e de quem comete. Eu não sou um homem violento, não tenho nada pra mudar ou fazer, vocês devem falar com quem é violento.

Não basta falar que não é um homem violento, tem que participar. Quando presenciamos situações de violência contra a mulher ou ficamos sabendo de algo, especialmente em nossas famílias e entre amigos e não fazemos nada, estamos sendo cúmplices dessa violência.

Um dos grandes motivos que levam homens que cometem essas violências a continuar com esse comportamento é a falta de oposição, principalmente de outros homens. Se eles fazem isso e ninguém diz nada, sentem-se à vontade para manter o comportamento.

11. Cada família deve lidar com seus problemas. Não meto a colher na briga dos outros para que não venham se meter na minha vida depois.

Argumentos parecidos com das questões 9 e 10.

Texto 11

Respondendo à oposição e crítica: lidando com o contrário

Quase todo trabalho de advocacia se resume à tarefa de convencer diferentes pessoas a apoiar a sua causa. Para isso, é de extrema importância saber defender seus pontos de vista. Até pessoas tidas como opositoras dos direitos das mulheres e da igualdade entre homens e mulheres podem mudar de lado e passar a apoiar essas ações quando recebem as informações claras, são escutadas com atenção, tem suas perguntas respondidas e são convidadas a contribuir para o debate. Temos aqui o foco de nosso trabalho:

- dar informações resumidas e claras;
- escutar os argumentos dos outros com atenção;
- responder as perguntas feitas de maneira clara e segura;

Identificando “opositores”

- Saber quem são os principais opositores ao nosso trabalho.
- Saber as razões pelas quais eles se opõem e quais argumentos e estratégias usarão.
- Algumas pessoas se mostram contrárias por acreditar que não foram consultadas, por isso, é importante manter as portas abertas para contribuições de todos/as.
- É de grande importância identificar e convidar pessoas da comunidade que são formadores de opinião, como membros de igrejas, pessoas mais velhas, rádios etc. Conquistar o apoio dessas pessoas significa uma divulgação muito mais ampla de nosso trabalho.

Como lidar com oposição e críticas

- O primeiro passo é escutar. Escutar atentamente demonstra respeito e facilita a aproximação e o diálogo.
- A ferramenta mais importante para convencer críticos é a informação clara e concisa. As pessoas formam opiniões com base nas informações que possuem. Dar mais informações pode fazer com que reavaliem suas opiniões. Outros podem querer falar sobre moral e se o trabalho que estamos a fazer é apoiado ou é contrário aos valores culturais e religiosos de Angola e da comunidade. Um activista de género deve aprender a escutar e compreender as entrelinhas nas falas dos críticos e responde-las.

Estratégias

- Trabalhe em parceria/rede com outras organizações.
- Pense estrategicamente. Um líder influente pode ajudar a convencer muitas pessoas. Antes de tentar atingir toda uma população, identifique alguns “líderes” e pense em como convence-los/as da importância do seu trabalho.
- Prepare-se. Se antecipe às críticas que poderão ser feitas e procure respostas.
- Fale de uma maneira que todos possam compreender. Evite usar termos técnicos.
- Escolha uma mensagem clara.
- Saiba quando responder. Às vezes é bom concordar com parte do argumento dos críticos para facilitar o diálogo, mas em outras, concordar ou ficar em silêncio pode fortalece-los. Quando eles utilizarem informações incorretas, é importante dar uma resposta embasada, com factos e às vezes, até de forma bem-humorada. No entanto, ter uma discussão acalorada em público pode ser negativo para todos, então é importante manter a calma e saber quando parar.
- Encoraje debates abertos e civilizados.

Defendendo o seu trabalho de activista

1. Dê respostas curtas e simples.
2. Concorde com os críticos quando possível.
3. Use factos para apoiar seus argumentos.
4. Permaneça calmo.
5. Se informe sobre o que diferentes religiões falam sobre o assunto. Textos religiosos como a bíblia as vezes são muito contraditórios. Use essas contradições de forma positiva.

Texto 12

Tabela para determinar riscos das Vítimas¹⁰

IMPORTANTE

Trabalhar directamente e encaminhar mulheres vítimas de violência doméstica para serviços de atendimento não é uma função específica dos/as activistas de nossa campanha, mas vocês podem ser confrontados com estas situações. Por isso, é importante que tenham ao menos uma noção de quais situações representam um maior risco de morte ou de violência mais graves para essas mulheres.

Segue abaixo uma lista de situações que de acordo com diversos estudos podem determinar um maior grau de risco para as mulheres.

¹⁰Tabela elaborada a partir de informações do Teste de Avaliação de Risco B-SAFER e do estudo “Inventory of Spousal Violence Risk Assessment Tools Used in Canada. Fontes: http://canada.justice.gc.ca/eng/pi/rs/rep-rap/2005/rr05_fv1-rr05_vf1/rr05_fv1.pdf e http://www.justice.gc.ca/eng/pi/rs/rep-rap/2009/rr09_7/rr09_7.pdf

Situação
1. Ela fala que sofreu graves agressões físicas e/ou sexuais (Ex. pancadas fortes na cabeça, agressão com objectos perfurantes ou cortantes, violação, queimaduras, agressão que resultou em hospitalização etc).
2. Ela relata estar sendo ameaçada de morte pelo agressor ou que ele ameaçou seus familiares de morte.
3. Ela fala que ultimamente as violências físicas e/ou sexuais e as ameaças aumentaram, em frequência e gravidade.
4. O agressor desrespeitou uma decisão judicial (por ex. de não se aproximar da vítima).
5. O agressor minimiza as violências cometidas (ex. “Ela mente, não foi tão grave”) e/ou justifica (ex. “Ela provocou”, “Ela me desrespeitou”, “Eu sou seu marido, isso é assunto nosso”).
6. Agressor tem histórico de outros envolvimento com actos criminosos.
7. Agressor tem histórico de cometer outras violências domésticas contra mulheres.
8. Agressor está com problemas financeiros e no emprego.
9. Agressor faz uso abusivo de álcool e/ou drogas ilícitas.
10. Agressor apresenta problemas mentais, como depressão, mudanças bruscas de humor, histórico de dificuldade para lidar com frustração e raiva.
11. Vítima mora longe da família e não possui amigos a quem possa recorrer para pedir ajuda.
12. Vítima está grávida.
13. Vítima não trabalha e depende financeiramente do agressor.
14. Agressor já ameaçou se matar caso a mulher o deixe.
15. Agressor possui uma arma de fogo em casa.
16. Agressor é jovem (menos de 28 anos).
17. Vítima diz que acredita que a possibilidade de sofrer novas violências é muito alta.

IMPORTANTE

Novamente, o trabalho directo com mulheres vítimas de violência e o aconselhamento delas não é uma função específica dos/as activistas de nossa campanha, mas acreditamos que as informações a seguir são importantes para que compreendam mais sobre o tema.

Vários estudos demonstram que o momento de maior risco para uma mulher que vive um relacionamento violento é quando ela decide pedir a separação e/ou sair de casa. Por isso, é preciso que as mulheres tenham consciência dos possíveis riscos e possam preveni-los.

Se uma mulher fala que o marido é muito possessivo e que já lhe fez ameaças directas ou indirectas referentes ao desejo dela de por um fim no relacionamento, é de extrema importância que os pontos abaixo sejam discutidos com a mulher.

Se você pensa em deixar o seu marido mas tem medo do que ele possa fazer, saiba que é muito importante que se prepare para este momento e tenha um plano.

1. Converse e explique a situação para todas as pessoas que achar relevante: familiares, filhos/as, amigos/as, pessoas do trabalho, vizinhos etc.
2. Combine com vizinhos ou outras pessoas (para avisar por telefone) uma “palavra-código” para alertá-los quando você precisar que chamem a polícia ou venham lhe ajudar.
3. Sempre tenha com você uma lista de números telefónicos importantes e um cartão telefónico ou celular com crédito.
4. Se possível, abra uma conta bancária no seu nome.
5. Se organize e deixe uma bolsa na casa de um familiar ou amigo/a. Esta bolsa deve conter diversos artigos que você precisará caso tenha que fugir de casa. Alguns deles:
 - Uma quantia em dinheiro;
 - cópia da chave de casa e outras chaves importantes;
 - cópia de documentos importantes (da mulher e dos/as filhos/as), como: cédula, bilhete de identidade, carta de condução, passaporte, documentos escolares dos filhos, livrete do carro, escritura de imóvel etc;
 - algumas mudas de roupa (da mulher e dos/as filhos/as);
 - medicamentos que faz uso e receita médica, caso necessário;
 - fotocópia de qualquer ordem judicial que tenha contra o agressor;
 - lista com números telefónicas importantes e um cartão com crédito para celular;
 - qualquer outro artigo que julgue importante.

¹¹Assisting Victims in their Journey from Survivor to Thriver Bexar County Family Justice System.

Segurança no dia a dia:

1. Se não mora mais com o agressor, tente manter portas e janelas fechadas.
2. Converse com os/as filhos sobre a situação e sobre como devem lidar com a mesma.
3. Converse com os/as responsáveis da escola ou creche (e outros espaços que os/as filhos/as frequentam) e informe claramente quem tem autorização para tira-los da escola.
4. Caso o agressor tenha lhe ameaçado e não viva mais com você, peça que os/as vizinhos/as chamem a polícia imediatamente caso o vejam rondando a sua casa.
5. Se mudar seu número de telefone e/ou celular, só o repasse para pessoas de confiança e com a orientação que não o repassem para o agressor.
6. Nunca ligue para o agressor de seu número ou lhe dê o seu número novo.
7. Se não mantém mais contacto com o agressor mas continua sendo ameaçada, tente mudar sempre a sua rotina, use vários caminhos para ir de casa para o trabalho, almoce em lugares diferentes, vá para a igreja em horários diferentes etc.
8. Sempre ande acompanhada, especialmente à noite.
9. No trabalho, informe seu chefe e outras pessoas relevantes sobre a situação e se possível, mostre uma foto do agressor para que não o deixem entrar no local de trabalho.

Se você estiver em casa com o seu marido e notar que uma situação de tensão pode se agravar para uma de violência:

1. Tente não ficar com o agressor em locais que contenham objectos perigosos, como a casa de banho e a cozinha.
2. Tente ficar em um local com trajecto livre para a porta de saída, caso tenha que fugir.

Segurança com ordem judicial:

1. Se um juiz decretou uma ordem judicial que a proteja (por ex. que o agressor não pode se aproximar de você), deixe cópias da mesma em casa, no trabalho, com amigos/as, com familiares e sempre ande com uma.
2. Explique o conteúdo desta ordem judicial para familiares, amigos, vizinhos etc.
3. Chame a polícia imediatamente caso ele infrinja qualquer parte desta ordem judicial. Se dirija à esquadra mais próxima para narrar o acontecido. Se possível, leve uma testemunha e/ou tire uma foto do agressor infringindo a ordem (se isso não representar um risco para você).
4. Se fizer a denúncia por telefone, se certificar de que a mesma poderá ser usada como prova de que o homem infringiu a ordem.

Texto 14

Lei nº. 25/11 – Lei contra a Violência Doméstica

Considerando que a família é o núcleo fundamental da sociedade, exigindo protecção redobrada e especial, de acordo com os princípios consagrados na constituição da República de Angola;

Reconhecendo que a violência doméstica é um flagelo social que contribui para a desestruturação e instabilidade emocional das famílias e conseqüentemente, da sociedade;

Atendendo o facto de que os direitos fundamentais devem ser integrados em harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e outros instrumentos de direito internacional, regularmente aprovados e formalmente integrados no direito angolano;

Havendo a necessidade de se prevenir e punir os actos de violência doméstica contra indefesos e debilitados física, psicológica e emocionalmente, exigindo maior cuidado dos sujeitos obrigados a protegê-los;

Urgindo a necessidade de se proteger a sociedade de actos de violência contra a mulher, homem, criança, idoso e adolescente, enquanto sujeitos vulneráveis à agressão;

A Assembleia Nacional aprova, por mandato do povo, nos termos das disposições combinadas da alínea b) do artigo 161.º e da alínea d) do n.º 2 do artigo 166.º da Constituição da República de Angola, a seguinte:

LEI CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

CAPÍTULO I

Disposição Gerais

ARTIGO 1.º

(Objecto)

A presente lei estabelece um regime jurídico de prevenção da violência doméstica, de protecção e de assistência às vítimas e tem por fim:

- a) prevenir, combater e punir os agentes dos actos de violência doméstica;
- b) informar às vítimas dos crimes de violência doméstica sobre os seus direitos;
- c) assegurar uma protecção policial e jurisdicional célere e eficaz às vítimas de violência doméstica;
- d) criar serviços especializados de atendimento às vítimas de violência doméstica junto dos órgãos competentes;
- e) incentivar as associações e outras organizações da sociedade civil vocacionadas para a prevenção da violência doméstica;
- f) fomentar políticas de sensibilização nas áreas de educação, informação, saúde e apoio social;
- g) responsabilizar administrativa, civil e criminalmente os agentes dos actos de violência doméstica;
- h) criar espaços de aconselhamento e de abrigo temporário dos envolvidos;

- i) desencorajar qualquer acto que, com base no usos e costumes, atente contra a dignidade da pessoa humana;
- j) afastar o agente de perto da vítima, quando se mostre necessário, atendendo à gravidade da situação;
- k) responder de forma rápida, eficaz e integrada aos serviços sociais de emergência de apoio à vítima.

ARTIGO 2.º

(Âmbito)

A presente lei aplica-se aos factos ocorridos no seio familiar ou outro que, por razões de proximidade, afecto, relações naturais e de educação, tenham lugar, em especial:

- a) nos infantários;
- b) nos asilos para idosos;
- c) nos hospitais;
- d) nas escolas;
- e) nos internactos femininos ou masculinos;
- f) nos espaços equiparados de relevante interesse comunitário ou social.

ARTIGO 3.º

(Definição do tipo de violência doméstica)

1. Para efeitos da presente lei, entende-se por violência doméstica, toda a acção ou omissão que cause lesão ou deformação física e dano psicológico temporário ou permanente que atente contra a pessoa humana no âmbito das relações previstas no artigo anterior.
2. A violência doméstica classifica-se em:
 - a) **Violência sexual** – qualquer conduta que obrigue a presenciar, a manter ou participar de relação sexual por meio de violência, coação, ameaça ou colocação da pessoa em situação de inconsciência ou de impossibilidade de resistir;
 - b) **Violência patrimonial** – toda a acção que configure a retenção, a subtracção, a destruição parcial ou total dos objectos, documentos, instrumentos de trabalho, bens móveis ou imóveis, valores de direitos da vítima;
 - c) **Violência psicológica** – qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição de auto-estima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento psico-social;
 - d) **Violência verbal** – toda a acção que envolva a utilização de improperios, acompanhados ou não de gestos ofensivos, que tenha como finalidade humilhar e desconsiderar a vítima, configurando calúnia, difamação ou injúria;
 - e) **Violência física** – toda conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da pessoa;
 - f) **Abandono familiar** – qualquer conduta que desrespeite, de forma grave e reiterada, a prestação de assistência nos termos da lei;

CAPÍTULO II

Princípios Específicos

ARTIGO 4.º

(Princípio da prevenção da violência doméstica)

O princípio da prevenção da violência doméstica consiste em criar medidas que visem inibir o surgimento de actos de violência doméstica, em especial:

- a) promover o respeito e o reconhecimento da personalidade e da dignidade de outrem;
- b) promover conselhos de reconciliação familiar e outras instâncias inter-familiares para dirimir conflitos;
- c) promover a igualdade de género;
- d) reforçar a proteção à mulher grávida, à criança e ao idoso no seio familiar e social, garantindo os mecanismos de assistência;
- e) promover o diálogo, a moral e os valores tradicionais reconhecidos pela comunidade que não atentem contra a dignidade da pessoa humana;
- f) criar mecanismos conducentes à responsabilização criminal das relações sexuais entre ascendentes e descendentes ou irmãos, especialmente contra menores.

ARTIGO 5.º

(Princípio da confidencialidade)

O princípio da confidencialidade traduz-se em:

- a) respeitar a privacidade, o bom-nome e a honra dos envolvidos nos actos de violência;
- b) manter em sigilo os dados obtidos no âmbito do processo sobre a violência doméstica.

ARTIGO 6.º **(Princípio da responsabilidade criminal)**

Quem praticar qualquer acto que configure violência doméstica, previsto no artigo 3.º, é punido nos termos das disposições da presente lei e da legislação penal em geral.

CAPÍTULO III

Medidas de Prevenção e Apoio

ARTIGO 7.º

(Educação)

Incumbe ao Estado integrar, nos programas curriculares de ensino, matérias que visem prevenir crimes de violência doméstica, proporcionando às crianças e aos jovens, conceitos básicos, especialmente:

- a) sobre o fenómeno da violência e as suas diversas manifestações, origens e consequências;
- b) sobre o direito e o respeito à intimidade e à reserva da vida privada;
- c) sobre o comportamentos parentais e o inter-relacionamento na vida familiar;

- d) sobre a violência simbólica e o seu carácter estrutural e institucional;
- e) sobre as relações de poder que marquem as interações pessoais, grupais e sociais;
- f) sobre o relacionamento entre crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas.

ARTIGO 8.º

(Sensibilidade e informação)

O Estado assegura a promoção de políticas de prevenção de violência doméstica, através da:

- a) elaboração de guiões e produtos educativos para as famílias;
- b) sensibilização e informação sobre a educação para a igualdade do género junto das comunidades;
- c) expansão da base de conhecimentos e intercâmbio com entidades nacionais e estrangeiras, da informação, da identificação e da difusão de boas práticas.

ARTIGO 9.º

(Assistência social)

1. O Estado deve fomentar o surgimento de instâncias vocacionadas para o aconselhamento familiar com vista a prevenção da violência doméstica.
2. Para efeitos do número anterior as instituições devem apoiar-se, preferencialmente, nas áreas das ciências sociais, humanas e médicas.

ARTIGO 10.º

(Formação)

É assegurada a formação sobre as questões de género e violência doméstica a profissionais que intervenham no processo sobre a violência doméstica.

CAPÍTULO IV

Medidas de Proteção da Vítima

ARTIGO 11.º

(Estatuto de vítima)

Instaurando o processo criminal por infração considerada violência doméstica, nos termos da presente lei, o lesado adquire automaticamente o estatuto de vítima para os efeitos legais, nomeadamente:

- a) acesso aos espaço de abrigo;
- b) atendimento preferencial para obtenção de prova pelas autoridades competentes;
- c) atendimento institucional, público ou privado, gratuito;
- d) emissão de declaração da condição de vítima de violência doméstica.

ARTIGO 12.º
(Medidas de protecção)

1. É assegurada protecção adequada à vítima, à sua família ou às pessoas em situação equiparada, sempre que as autoridades competentes considerem que existe uma ameaça séria de actos de vingança ou fortes indícios de que a sua privacidade seja gravemente perturbada.
2. Sem prejuízo das medidas e regras processuais previstas no Código Penal, no Código de Processo Penal e demais legislação complementar, constituído arguido por prática do crime de violência doméstica, o Ministério Público ou o juiz pode, sempre que a gravidade de situação justifique, no prazo máximo de 72 horas, aplicar uma das seguintes medidas de protecção à vítima:
 - a) encaminhar a vítima de violência doméstica provisoriamente para um espaço de abrigo temporário;
 - b) proibir o contacto entre a vítima e o agente em locais que impliquem diligências na presença de ambos, nomeadamente nos edifícios dos tribunais e outros;
 - c) determinar o apoio psicossocial por período não superior a seis meses, salvo se circunstâncias excepcionais impuserem a sua prorrogação;
 - d) proibir ou restringir a presença do agente do crime no domicílio ou residência, em lugares de trabalho, de estudos e noutros frequentados regularmente pela vítima;
 - e) apreender as armas que o agente tenha em seu poder, que permanecem sob custódia das autoridades na forma em que estas se estimem pertinentes;
 - f) proibir ao autor o uso e a posse de armas de fogo, oficiando à autoridade competente para as providências necessárias;
 - g) determinar o retorno à residência a quem dela haja saído por razões de segurança pessoal, na presença da autoridade competente.
3. Nos casos em que o agente viva em economia comum, a medida de injunção a opor àquele é o seu afastamento da residência, sempre que tal medida se afigure necessária.
4. O disposto nos números anteriores não prejudica a adopção das demais soluções constantes na legislação especial sobre a protecção dos familiares da vítima.

ARTIGO 13.º
(Protecção dos bens)

1. Os bens pertencentes à vítima de que o agente do crime se tenha apossado contra a sua vontade devem ser, imediatamente, examinados pela autoridade competente e devolvidos à vítima.
2. Sem prejuízo do disposto no número anterior, quando os bens pertencentes à vítima ou ao agente do crime tenham sido utilizados na prática do crime, podem ser apreendidos nos termos legais para fins de prova.
3. A celebração de contractos sobre os bens comuns deve ser feita nos termos do regime de bens por ambos adoptados no casamento ou na união de facto.
4. O previsto no presente artigo não prejudica a suspensão dos contractos celebrados no âmbito da relação de confiança entre os envolvidos.

ARTIGO 14.º

(Prevenção da vitimização secundária)

A vítima tem direito a ser ouvida em ambiente reservado, devendo ser criadas condições adequadas para prevenir a vitimização secundária e evitar que sofra qualquer tipo de pressão.

ARTIGO 15.º

(Vítima residente noutro Estado)

Sempre que a vítima de violência doméstica não possa comparecer pessoalmente por residir no exterior, pode prestar declarações através de videoconferência, teleconferência ou outros meios legalmente previstos.

ARTIGO 16.º

(Cessação do estatuto de vítima)

1. O estatuto de vítima de violência doméstica cessa com o arquivamento do processo na fase de instrução preparatória, por despacho de não pronúncia ou após o trânsito em julgado da decisão.
2. A cessação do estatuto de violência não prejudica que as autoridades competentes, ponderadas as circunstâncias concretas, mantenham as modalidades de apoio social que tenham sido estabelecidas.

ARTIGO 17.º

(Atendimento gratuito)

O apoio médico, psicológico, social e jurídico às vítimas de violência doméstica é garantido gratuitamente, até que cesse o estatuto de vítima, pelos serviços públicos especializados e outras organizações da sociedade civil vocacionadas para o efeito.

CAPÍTULO V

Medidas Administrativas

ARTIGO 18.º

(Resolução administrativa de conflitos)

1. Os conflitos resultantes dos actos de violência doméstica que admitam desistência da queixa podem ser dirimidos administrativamente pelos órgãos públicos ou privados vocacionados para o efeito.
2. Para a solução dos conflitos de violência doméstica, os órgãos referidos no número anterior devem apoiar-se em técnicas de negociação que privilegiem a reconciliação.
3. O previsto no n.º 1 do presente artigo não prejudica o direito à indemnização devida à vítima.

ARTIGO 19.º

(Espaços de abrigo e protecção)

1. Cabe ao Estado promover e coordenar o surgimento de espaços de abrigo para as vítimas e agentes de violências doméstica, a definir em regulamentação própria.
2. Na criação dos espaços de abrigo, previstos no n.º 1 do presente artigo, deve atender-se ao género, à idade e à segurança dos envolvidos.
3. Sem prejuízo do disposto no número anterior, os envolvidos na violência doméstica devem ser acolhidos em espaços de abrigo distintos, consoante sejam vítimas ou agentes de crime.

ARTIGO 20.º

(Apoio ao agente do crime)

1. O Estado deve promover a criação de condições necessárias para o apoio psicológico e psiquiátrico do agente do crime de violência doméstica.
2. Devem ser elaborados e implementados programas de recuperação dos agentes do crime de violência doméstica.

ARTIGO 21.º

(Encontros reconciliatórios)

1. Sem prejuízo de outros procedimentos e medidas que tenham sido adoptados, persistindo o conflito, podem ser promovidos, nos termos a regulamentar, encontros entre o agente do crime e a vítima, obtido o consentimento expresso de ambos, garantidas as condições de segurança necessária e a presença de um mediador credenciado para o efeito.
2. Os encontros reconciliatórios, referidos no número anterior, visam restaurar a harmonia familiar e social e a tutela dos legítimos interesses da vítima e do agente de crime de violência doméstica.

CAPÍTULO VI

Procedimento e Responsabilidade Criminal

ARTIGO 22.º

(Detenção em flagrante delito)

Em caso de detenção do agente por crime de violência doméstica, em flagrante delito, o delito mantém-se privado da sua liberdade até ser presente ao magistrado competente para interrogatório ou a juízo para audiência de julgamento sumário.

ARTIGO 23.º

(Detenção fora do flagrante delito)

Sem prejuízo do disposto na lei processual penal, a detenção do agente do crime de violência doméstica pode ser efectuada por mandato do Ministério Público, se houver perigo de continuação da actividade criminosa ou se mostre imprescindível à segurança da vítima nos termos previstos na lei.

ARTIGO 24.º

(Queixa, denúncia e desistência)

1. A queixa pode ser feita pelo lesado ou por quem tenha legitimidade nos termos da lei.
2. A denúncia pode ser feita por qualquer pessoa ou autoridade que tenha conhecimento do facto criminoso.
3. A vítima de violência doméstica pode, sem prejuízo dos casos em que a lei o proíba, desistir da queixa em qualquer fase do processo.
4. A queixa ou a denúncia pode ser apresentada, verbalmente, por escrito, por telefone, por via electrónica ou por outra via bastante, perante a autoridade policial ou ao Ministério Público.
5. Recebida a queixa ou a denúncia, as autoridades competentes devem averiguar da sua veracidade, para efeitos de procedimentos criminal, nos termos da lei.
6. Quem proceder a queixa ou denúncia falsa incorre na pena aplicável ao crime de denúncia caluniosa.

ARTIGO 25.º

(Crimes que não admitem desistência)

1. Sem prejuízo do disposto na legislação penal, não admitem desistência, por constituírem crimes públicos em matéria de violência doméstica, os seguintes factos:
 - a) a ofensa à integridade física ou psicológica grave e irreversível;
 - b) a falta reiterada de prestação de alimentos à criança e de assistência devida à mulher grávida;
 - c) o abuso sexual a menores de idade ou idosos sob tutela ou guarda e incapazes;
 - d) a apropriação indevida de bens da herança que pelo seu valor pecuniário atente contra a dignidade social dos herdeiros;
 - e) a sonegação, alienação ou oneração de bens patrimoniais da família, tendo em conta o seu valor pecuniário;
 - f) a prática de casamento tradicional ou não com menores de catorze anos de idade ou incapazes.
2. Quem praticar um dos factos previstos nas alíneas a) e c) do número anterior é condenado na pena de prisão de dois a oito anos, se outra pena mais grave não lhe couber nos termos da legislação em vigor.

3. Quem praticar um dos factos previstos nas alíneas b), d) e) e f) do n.º 1 do presente artigo é condenado na pena de prisão até dois anos, se outra pena mais grave não lhe couber nos termos da legislação em vigor.
4. As penas previstas nos números anteriores não prejudicam o dever de indemnização imputável ao agente, nos termos da lei.

ARTIGO 26.º

(Elementos da queixa ou denúncia)

Da queixa ou denúncia devem constar os seguintes elementos:

- a) Identificação completa, se possível, da vítima e do agente;
- b) a relação doméstica, familiar ou outra entre o agente e a vítima;
- c) a descrição dos factos que motivaram a denúncia;
- d) os antecedentes de violência doméstica, se os houver.

ARTIGO 27.º

(Auto de ocorrência)

1. O queixoso ou denunciante é atendido, prioritariamente, pelas autoridades competentes que devem elaborar o auto de ocorrência, contendo:
 - a) todos os elementos constantes da queixa ou denúncia, nos termos do artigo anterior;
 - b) nome e idade da vítima, do agente e dos dependentes, se os houver;
 - c) resumo sucinto dos factos e das medidas de proteção propostas pela vítima.

ARTIGO 28.º

(Atendimento ao queixoso ou denunciante)

1. Nos casos de violência doméstica, deve o agente de instrução registar a ocorrência, e sem prejuízo do previsto no Código do Processo Penal, adoptar imediatamente os seguintes procedimentos:
 - a) ouvir a vítima ou denunciante e lavrar o respectivo termo de queixa;
 - b) recolher as provas necessárias para o esclarecimento das circunstâncias em que o facto ocorreu;
 - c) remeter os autos, imediatamente, ao magistrado competente;
 - d) determinar que se proceda ao exame da vítima e diligenciar, quando seja necessário, outros exames periciais;
 - e) ouvir o agente e as testemunhas;
 - f) acompanhar a vítima para aceder aos seus bens de utilização imediata.
2. Para os efeitos previstos no número anterior, devem ser criados serviços especializados para tratamento dos crimes de violência doméstica junto dos órgãos de investigação e instrução criminal e do Ministério Público.

ARTIGO 29.º
(Dever de comparência)

Aquele que for, legalmente, notificado pela autoridade competente e não comparecer, por facto que lhe seja imputável, responde pelo crime de desobediência, punível nos termos da lei.

ARTIGO 30.º
(Direito à indemnização)

1. À vítima de violência doméstica é reconhecido o direito a obter, do agente do crime, de forma célere, uma indemnização pelos danos sofridos.
2. A indemnização referida no número anterior deve ser arbitrada tendo em conta a gravidade da agressão e a condição económica dos envolvidos.
3. Não tendo sido deduzido o pedido de indemnização civil no processo penal ou em separado em caso de condenação, o tribunal pode arbitrar uma quantia a título de reparação pelos prejuízos sofridos pela vítima.

CAPÍTULO VII
Disposições Finais e Transitórias

ARTIGO 31.º
(Regulamentação)

A regulamentação da presente lei compete ao Titular do poder Executivo.

ARTIGO 32.º
(Interpretação)

Na interpretação e aplicação da presente lei devem ser consideradas as condições de vulnerabilidade da vítima em situação de violência doméstica.

ARTIGO 33.º
(Dúvidas e omissões)

As dúvidas e omissões resultantes da interpretação e aplicação da presente lei são resolvidas pela Assembleia Nacional.

ARTIGO 34.º
(Direito subsidiário)

Em tudo que seja omissa a presente lei, regulam, subsidiariamente, as regras do Código Penal, do Código Civil e do Código de Processo Civil e do Código da Família.

ARTIGO 35.º
(Entrada em vigor)

A presente lei entra em vigor à data da sua publicação.

Vista e aprovada pela Assembleia Nacional, em Luanda, aos 21 de junho de 2011.

O Presidente da Assembleia Nacional, António Paulo Kassoma.

Promulgada ao 7 de Junho de 2011.

Publique –se.

O Presidente da República, JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS.

1º DIA DE FORMAÇÃO DOS/DAS ACTIVISTAS

Actividade 1 – Assistir e debater “Reze para o Diabo Voltar ao Inferno”



O documentário narra a história de um grupo de mulheres religiosas da Libéria que deu início, no começo dos anos 2000, a um movimento pela paz e contra a guerra civil que assolava o país há anos. Com muita coragem e pouco recurso, essas mulheres tomaram as ruas, implementaram uma série de estratégias e conseguiram mudar a história do país.

Em 2011, Leymah Gbowee, uma das fundadoras e líderes desse movimento ganhou o Prémio Nobel da Paz.

Actividade 2 – O que é isso chamado “Género”?

Objectivo: Estimular a compreensão sobre a diferença entre género e sexo.

Materiais necessários: Quadro ou flip-chart, canetas piloto coloridas.

Notas para planeamento

Antes de desenvolver esta actividade, o/a facilitador/a deve compreender a diferença entre género e sexo. **Sexo** é biológico – isto é, nós nascemos com hormônios ou órgão sexual de mulher (vagina, útero...) ou de homem (pénis, testículos...). **Género** diz respeito à forma como somos socializados – isto é, como atitudes, comportamentos e expectativas são formadas com base no que a sociedade atribui ao que é ser homem ou ao que é ser mulher. Estas características podem ser aprendidas de membros da família, amigos, instituições culturais e religiosas e no espaço de trabalho.

É importante esclarecer que **género é uma construção sócio-cultural através da qual certas atitudes e comportamentos são designados às pessoas, caracterizando-as como homens ou mulheres.**

Por outro lado, a orientação sexual está relacionada à capacidade de se relacionar afetivamente ou sexualmente com alguém do sexo oposto (heterossexual), alguém do mesmo sexo (homossexual) ou com pessoas de ambos os sexos (bissexual). Independentemente de sua orientação sexual, cada indivíduo é influenciado pelas expectativas sociais de género.

Procedimento

1. Desenhe duas colunas em um papel de flip-chart ou quadro.
2. Na primeira coluna escreva “mulher” e na segunda, “homem”.
3. Peça que os participantes falem coisas que normalmente são associadas à ideia de “ser mulher”. Escreva na primeira coluna. As respostas podem representar características positivas ou negativas. Auxilie os/as participantes a nomearem atributos tanto sociais como biológicos/físicos. Repita a mesma actividade para a coluna “homem”.
4. Cite brevemente algumas das características listadas em cada coluna. Depois, troque os títulos de cada coluna, isto é, substitua a palavra mulher pela palavra homem na primeira coluna e vice-versa.

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

Pergunte aos/às participantes se as características listadas para as mulheres poderiam ser atribuídas aos homens e vice-versa.

5. Use as questões abaixo para facilitar a discussão sobre quais características eles/elas pensam que não poder ser atribuídas a ambos, homens e mulheres, e por quê. Como mencionado abaixo, é importante que as categorias de sexo e género não sejam apresentadas como sendo rígidas ou rigorosamente opostos.

Perguntas para discussão

- ▶ O que significa ser uma mulher e ser um homem em Angola?
- ▶ Que características atribuídas ao homem ou a mulher são avaliadas como positivas ou negativas em Angola?
- ▶ Como seria para uma mulher assumir características atribuídas tradicionalmente ao homem e vice versa? Seria fácil ou difícil?
- ▶ Qual a influência que as nossas famílias e amigos exercem sobre percepções do significado de ser homem ou mulher?

6. Explique que existem vários termos sobre género que precisam de definição e “igualdade de género” é um deles. Pergunte se já ouviram falar e se sabem o que significa. Após ouvi-los apresente a seguinte definição: ***Igualdade de género: significa que homens e mulheres gozam do mesmo status. Ambos compartilham as mesmas oportunidades para gozarem os seus direitos e potenciais humanos para contribuir em todas as esferas da sociedade (económica, política, social e cultural) e se beneficiar delas.***

- *Vocês acham que existe igualdade entres homens e mulheres aqui? Porque?*
- *Vocês acham que precisamos promover mais igualdade de género?*
- *O que vocês acham que deve acontecer em Angola para promover igualdade de género?*

Resumo

Ao longo da vida, mulheres e homens recebem mensagens da família, da mídia, da religião e da sociedade sobre como devem agir e como devem se relacionar com os outros. É importante entender que, embora haja diferenças entre homens e mulheres, muitas dessas diferenças são construídas socialmente (incluindo-se aqui a religião) e não parte de nossa natureza e constituição biológica. Mesmo assim, essas diferenças podem ter um impacto fundamental sobre a vida diária e os relacionamentos de mulheres e homens.

Actividade 3 - Aja como Homem / Aja como mulher

Objectivos: Identificar diferenças entre as regras de comportamento para homens e mulheres; Entender como essas regras de género afectam a vida de homens e mulheres; Normas de género

Notas para o facilitador

Esta actividade é uma boa forma de entender a ideia de normas de género. Mas lembre-se que essas normas de género também podem ser afectadas por classe, raça, etnia e outras diferenças. Também vale lembrar que as normas de género estão a mudar em muitos países e homens e mulheres estão

a ter mais facilidade de se enquadrar fora do “modelo” pré-estabelecido de comportamento. Se houver tempo, discuta com o grupo os factores que facilitam essa mudança de comportamento por parte de homens e mulheres em alguns lugares, como a educação, por exemplo.

Passos

1. Pergunte aos participantes do sexo masculino, se alguma vez na vida alguém já lhes disse para “agir como um homem”. Peça-lhes para partilhar as experiências de alguém lhes dizendo essa frase ou algo semelhante. Pergunte: Por que você acha que lhe disseram isso? Como você se sentiu ao ouvir isso?

2. Agora pergunte às participantes do sexo feminino se alguma vez na vida alguém já lhes disse para “agir como uma mulher”. Peça-lhes para partilhar experiências de alguém lhes dizendo essa frase ou algo semelhante. Pergunte: Por que você acha que lhe disseram isso? Como você se sentiu ao ouvir isso?

(Se for um grupo de mulheres começa com a caixa das mulheres, se for grupo com homens começa com a caixa dos homens)

3. Diga aos participantes que você gostaria de analisar essas duas frases com mais profundidade.

4. Em letras grandes, escreva numa folha do flipchart a frase: “Aja como homem”. Pergunte aos participantes o que se espera dos homens nas suas comunidades em relação ao seu comportamento. Escreva suas respostas. Caso não tenham sido mencionado durante a discussão, frase do tipo “homens têm que ser fortes”, “mulheres têm que ser boas mães”, ... pergunte ao grupo e acrescente. Quando o grupo não tiver mais nada a acrescentar, faça as perguntas abaixo para incitar à discussão.

- Essa lista parece real para vocês? É possível viver a vida inteira dessa maneira? Como seria para um homem tentar viver completamente assim? (ex, nunca chorar, nunca demonstrar fragilidade, etc)? Como vocês (ou os homens que conhecem) se relacionam com essas expectativas?
- Como a pressão para se enquadrar neste “modelo” pode afectar a vida dos homens e daqueles que os rodeiam?
- O que acontece com homens que tentam não seguir as regras de género? (ex. “não se enquadrar no modelo”)? O que as pessoas dizem sobre eles? Como são tratados?

Desenhe uma caixa por volta da lista inteira e explica que chamamos isso as vezes de uma “caixa de género”. Pode desenhar setas para mostrar que existe uma pressão para ficar dentro.

5. Escreva em outra folha do flipchart a frase “Aja como mulher”. Pergunte aos participantes o que se espera das mulheres nas suas comunidades em relação ao seu comportamento. Escreva essas mensagens na folha de papel.

Verifique os exemplos para ver os tipos de mensagens que costumam ser listadas. Caso não tenham sido mencionadas durante a discussão alguma importante, pergunte ao grupo e acrescente. Quando o grupo não tiver mais nada a acrescentar, faça as perguntas abaixo para incitar à discussão.

- Essa lista parece real para vocês? É possível viver a vida inteira dentro desse modelo? Como seria para uma mulher tentar viver completamente dentro dessa caixa (por exemplo, ser

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

passiva, sempre obedecer o marido, etc)? Como vocês (ou as mulheres que vocês conhecem) se relacionam com essas expectativas?

- Quais dessas mensagens podem ser potencialmente nocivas/prejudiciais? Porquê? (desenhe uma estrela ao lado de cada mensagem e discuta cada uma individualmente)
- Como a pressão para se enquadrar neste “modelo” pode afectar a vida das mulheres e daqueles que as rodeiam?
- O que acontece com mulheres que tentam não seguir as regras de género? (ex. “não se enquadrar no modelo”)? O que as pessoas dizem sobre elas? Como são tratadas?

Desenhe uma caixa por volta da lista inteira e explica que chamamos isso de uma “caixa de género”. E existe muita pressão para ficar dentro dessa caixa. Pode desenhar setas para mostrar que existe uma pressão para ficar dentro.

6. Explique que ao reflectir sobre essas frases, podemos começar a entender como a sociedade cria regras diferentes para o comportamento que esperam dos homens e que esperam das mulheres. Explique que essas regras também são chamadas de “**normas de género**”. Isso porque elas ditam o que é “normal” para homens pensarem, sentirem e agirem, bem como o que é “normal” para as mulheres pensarem, sentirem e agirem.

Explique que essas regras limitam a vida tanto de homens quanto de mulheres. Elas tentam manter os homens dentro de uma caixa com o rótulo “Aja como homem” e as mulheres numa outra caixa com o rótulo “Aja como mulher”.

8. Se o tempo permitir, desenhe uma tabela que tenha uma coluna para os homens e outra para as mulheres. Escreva acima “Homens/Mulheres que não se enquadram no modelo/caixa”. Peça aos participantes para listarem características destes homens e anote suas respostas. Depois que você tiver um bom número, faça a mesma pergunta sobre as mulheres. Ajude os participantes a reconhecerem que, no final das contas, as características destes homens e mulheres são bem semelhantes.

9. De acordo com a discussão, use algumas das perguntas abaixo como guia para uma discussão final da actividade:

- Nossas percepções sobre os papéis de homens e mulheres são afectadas pelo que nossa família e amigos pensam? Como?
- Acham que homens e mulheres são criados da mesma forma em Angola? Por quê?
- Quais os efeitos que os meios de comunicação (televisão, revistas, rádio, etc.) têm sobre as nossas percepções do que significa ser homem ou ser mulher? Como é que a mídia mostra o que é ser mulher? E ser homem? Quem tem uma posição mais cômoda? É justa?
- Existe alguma relação entre género, privilégios e poder? Explique.
- Como essas diferenças entre o significado de ser mulher ou homem afetam o nosso dia-a-dia? E as nossas relações com a família? E as nossas relações com parceiros íntimos? E a nossa relação com as pessoas em nosso trabalho?
- Como essas diferenças podem influir na violência domestica?
- Como podemos, em nossas próprias vidas, mudar algumas expectativas negativas ou injustas

de como um homem deve agir? Como podemos mudar algumas expectativas negativas ou injustas sobre como uma mulher deve agir?

- O que aprendemos durante esta actividade? Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos? Essa mudança é fácil? Porquê?
- Como podemos desafiar as expectativas de comportamentos masculinos? E como podemos desafiar as expectativas de comportamentos femininos?

Resumo

No decurso da vida, homens e mulheres recebem mensagens da família, da mídia e da sociedade sobre como devem agir na qualidade de homens e como devem se relacionar com mulheres e com outros homens. Como vimos, muitas dessas diferenças são construídas pela sociedade e não fazem parte da nossa natureza ou da nossa formação biológica. Muitas dessas expectativas são perfeitamente razoáveis e ajudam-nos a desfrutar das nossas identidades, tanto como homens quanto como mulheres. Mas, todos nós temos a capacidade de identificar mensagens nocivas/prejudiciais e o direito de impedir que elas limitem nosso potencial pleno como seres humanos. À medida que nos tornamos mais conscientes de certos estereótipos de género e como eles podem ter um impacto negativo nas nossas vidas e comunidades, podemos refletir de forma construtiva sobre como transformá-los e promover relações e papéis de género mais positivos nas nossas vidas e comunidades. Portanto, estamos todos livres para criarmos nossas próprias caixas” ou “modelos” de género, de acordo com a maneira que escolhemos viver as nossas vidas como homens e mulheres.

2º DIA DE FORMAÇÃO DOS/DAS ACTIVISTAS

Actividade 1 – Assistir e debater “Acorda, Raimundo...Acorda!”



E se as mulheres saíssem para o trabalho enquanto os homens cuidassem dos afazeres domésticos? E se fossem os homens e não as mulheres que engravidassem? Essa é a história da família de Marta e Raimundo, que vivem num mundo onde tudo aparentemente acontece ao “contrário”.

A ideia do vídeo é que esse estranhamento leve a questionamentos sobre os papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres.

Actividade 2 – Roda de conversa sobre género

Objectivos: 1. Compartilhar experiências relacionadas às questões de género. 2. Desenvolver uma melhor compreensão e empatia por pessoas de outro sexo

Público: Faixa etária: Jovens ou adultos; Sexo: Homens ou grupos mistos; Grau de Instrução: Qualquer nível; Recursos: Médios.

Materiais: Nenhum

Notas para o facilitador: Esta actividade funciona melhor com grupos mistos de participantes. No entanto, é possível executá-la com um grupo exclusivamente masculino. Basta dividir os participantes em dois grupos. Peça primeiro que respondam às três perguntas do topo da lista das questões para os homens. Você também pode colocar uma quarta pergunta: “Qual é a parte mais difícil de ser uma mulher em Angola?”.

Em seguida, peça ao outro grupo para responder às quatro últimas perguntas da lista das questões para os homens.

Em algumas comunidades (especialmente quando maridos e esposas estão assistindo a sessão juntos), pode ser difícil para uma mulher exprimir-se verdadeiramente porque têm medo de falar publicamente na frente de seus maridos. Seria talvez mais adequado conduzir estas discussões em separado e alguém tomar notas para depois compartilhar com o grupo de sexo diferente.

Perguntas para as Mulheres

- Qual é a parte mais difícil de ser uma mulher em Angola?
- O que você gostaria de dizer aos homens para ajudá-los a compreender melhor as mulheres?
- O que você acha que é difícil entender nos homens?
- O que você gosta em ser uma mulher? O que você não gosta?

Perguntas para Homens

- Qual é a parte mais difícil de ser um homem em Angola?
- O que você gostaria de dizer às mulheres para ajudá-las a compreender melhor os homens?
- O que você acha que é difícil entender nas mulheres?
- O que você gosta em ser um homem? O que você não gosta?
- Como os homens podem apoiar e estimular a autonomia das mulheres?

Passos

1. Divida os participantes do sexo masculino e feminino.
2. Peça às mulheres para se sentarem em um círculo no meio da sala e os homens para se sentarem (ou ficarem em pé) em volta do círculo, do lado de fora, olhando para dentro.
3. Comece a discussão perguntando às mulheres as questões listadas nas notas para o facilitador. Os homens devem observar e ouvir o que está sendo dito. Eles não estão autorizados a falar.
4. Após 15 minutos, feche a discussão e homens e mulheres devem trocar de lugar.
5. Discuta a actividade depois que ambos os grupos tiverem realizado a discussão. Use as seguintes perguntas:
 - O que surpreendeu a vocês nessa actividade?
 - Como é que vocês se sentem ao falar sobre estas coisas com outras pessoas escutando?
 - O que você aprendeu?

Resumo

Muitas vezes, as nossas opiniões e perspectivas sobre as pessoas do sexo oposto são formadas a

partir de estereótipos e normas sociais de gênero, que são reforçadas ao longo do tempo por diversas fontes, tais como a família, os meios de comunicação ou nossos pares. Isso torna difícil e muitas vezes confunde, a nossa compreensão do outro sexo, suas necessidades e reais preocupações. Ao ter uma melhor compreensão do outro sexo, suas necessidades e experiências, somos capazes de nos colocarmos mais no lugar do outro, compreendendo suas experiências de gênero e também como elas nos afetam.

Atividade 3 – Passa-Passa de Energia

Objetivo: aquecimento.

Procedimento: participantes ficam em pé, num círculo, com as mãos dadas. Um voluntário é escolhido, ele irá iniciar a “passar a energia”, ao apertar a mão da pessoa à sua esquerda. A ideia é que ao ter sua mão apertada, a pessoa ao lado apertará a mão da pessoa à sua esquerda, fazendo com que a “energia” dê uma volta no círculo. Ao chegar à pessoa de onde partiu, esta dará um sinal e o/a facilitador/a dirá quanto tempo levaram pra cumprir a ‘tarefa’. Tente por 3 ou 4 vezes para ver se conseguem diminuir o tempo. Peça que se concentrem, que não conversem. Podem fechar os olhos ou pensar em outra estratégia para fazer o percurso em menos tempo.

Atividade 4 – Analisando as nossas atitudes

Objetivos: Explorar as atitudes sobre diferenças de gênero, papéis e desigualdades

Público: Faixa etária: Jovens ou adultos; Sexo: Homens ou grupos mistos; Grau de Instrução: Qualquer nível; Recursos: Baixos.

	Conc	Disc
1- É mais fácil ser homem do que ser mulher.		
2- A obrigação de cuidar dos filhos e da casa é principalmente das mulheres.		
3- É compreensível que em algumas situações os homens acabem agredindo as suas mulheres.		
4- Se a mulher trair o homem, é compreensível que ele a agrida.		
5- O planejamento familiar é responsabilidade da mulher.		
6- Um homem é mais “homem” se tiver muitas parceiras sexuais.		
7- O sexo é mais importante para os homens do que para as mulheres.		
8- Não há problema se o homem fizer sexo fora do relacionamento, desde que sua parceira não saiba.		
9- É normal e esperado que um homem seja infiel.		
10- A infidelidade da mulher deve ser condenada.		
11- Uma mulher que anda com preservativos na bolsa é uma mulher “fácil”.		
12- Os homens são mais inteligentes que as mulheres.		
13- As vezes as mulheres são parcialmente culpadas quando são violadas.		
14- Meninos e meninas devem ser educados de maneira diferente.		
15- Um homem deve dar mesada para a sua namorada/mulher.		
16- A homossexualidade é natural e normal.		

Notas para o facilitador: Se todos os participantes concordarem sobre uma das frases, seja o “advogado do diabo”. Diga: “Vocês sabem que têm muitas pessoas que pensam diferente. Porque pensam assim? Elas estão erradas?”

Reforce que a ideia da actividade é que se posicionem, por isso não há uma opção “Não sei” ou “mais ou menos”. Fale que depois conversaremos sobre as dúvidas.

Passos

1. Explique aos participantes que esta actividade foi elaborada para lhes dar uma compreensão geral das suas próprias atitudes e valores, bem como dos outros colegas, em relação ao tema das relações de género. Foi elaborada também para desafiar suas ideias actuais sobre questões de género e para ajudá-los a esclarecer certas questões. Lembre-os de que todos têm direito a ter sua opinião e a opinião de todos deve ser respeitada.

2. Oriente que todos devem ficar em pé, formando um círculo. Quando você ler a frase, todos devem ficar com os olhos fechados. Após ler a frase, dê alguns segundos para pensarem e peça que quem concorda levantar o braço, ainda com os olhos fechados. Todos devem ir para o lado onde está a folha “**Concordo totalmente ou parcialmente**” os demais devem ir em direção à folha “**Discordo ou Discordo Parcialmente**”.

3. Depois disso, peça que um ou dois participantes expliquem a razão de terem dito que “concordam” e pergunte quantos concordam totalmente. Peça que eles digam porque se sentem assim em relação à frase lida. Depois, peça que um ou dois que “discordaram” façam o mesmo.

4. Depois de alguns participantes terem falado sobre as suas atitudes em relação à frase, pergunte se alguém quer mudar de ideia. Após isso, todos devem voltar a posição inicial e a próxima frase deve ser lida.

5. Depois de ler todas as frases, inicie uma discussão fazendo as perguntas abaixo:

- Em relação a que frases, se houver alguma, vocês tinham opiniões já formadas ou sentimentos mais fortes? Por quê?
- Como vocês se sentiram ao falar sobre uma opinião que divergia de outros participantes?
- Como vocês acham que as atitudes das pessoas sobre uma mesma frase podem afectar a forma como lidam com homens e mulheres nas suas vidas?
- Como vocês acham que as atitudes das pessoas sobre as frases ajudam ou atrapalham a promoção da igualdade de género, a redução da violência contra mulheres ou a redução da discriminação e da disseminação do VIH/SIDA?

6. Encerre a actividade lembrando os participantes sobre a importância de se pensar sobre as suas próprias atitudes em relação ao género. Estimule as pessoas para continuarem desafiando seus próprios valores e crenças sobre género durante a oficina e mesmo depois.

Resumo: Todos têm sua própria atitude em relação ao género. Muitas vezes, as nossas atitudes em relação ao género podem estar em conflito com as dos outros. É importante respeitar as atitudes dos outros, mas também desafiá-las se suas atitudes e valores podem ser nocivos para outras pessoas. Ao se trabalhar com género, é igualmente importante desafiar os valores e crenças pessoais sobre a matéria.

Actividade 5 – Expressão e Manifestação das Emoções

Objetivo: Reconhecer as dificuldades que existem para expressar determinadas emoções devido à forma como fomos socializados e analisar os custos dessa socialização genérica para a saúde mental. Refletir sobre como aprendemos a inibir ou a exagerar as emoções.

Materiais necessários: Folhas de papel grande / flip-chart.

Dicas para planeamento: Uma pessoa que não conhece suas emoções, não só não pode expressá-las, como corre o risco de ser conduzida por elas. É fundamental distinguir entre o “sentir” e o “atuar” para buscar formas de expressão que não causem danos a outros. Por esta razão, essa técnica é muito útil no trabalho de prevenção da violência. É importante considerar e ressaltar que o trabalho com as emoções inicia-se reconhecendo-as, valorizando-as e reapropriando-nos deste recurso humano que temos e que podemos aproveitar para enfrentar diversas situações da vida cotidiana (por exemplo: para tomar decisões acerca da sexualidade, a paternidade e prevenir a violência, a droga e o suicídio).

Procedimento:

1. Coloque no quadro as cinco emoções básicas e informe que serão estas as emoções que serão trabalhadas nesta oficina:

Medo - Afecto - Raiva - Tristeza - Alegria (MARTA)

2. Informe que o exercício vai ser realizado individualmente da seguinte forma:

Cada participante terá uma sequência de números de 1 a 5 para distribuir nas cinco emoções que compõem a MARTA. E deverá colocar 1, na emoção que expressa com maior facilidade; 2 na que expressa facilmente mas não tanto quanto a primeira; 3 na que é indiferente, ou seja, não tem dificuldade nem facilidade de a expressar; 4 na que tem um pouco de dificuldade em expressar e 5 na que tem mais dificuldade em expressar.

3. Uma vez que terminem seu exercício individual, solicite que compartilhem seus resultados com o resto do grupo. Anote as respostas numa cartolina, fazendo uma espécie de “placar das emoções” e depois reflita sobre as semelhanças e diferenças encontradas dentro do grupo.

4. Explique para o grupo que, normalmente:

- a) As emoções que enumeramos como 1 e 2, são as que aprendemos a manifestar de uma forma exagerada;
- b) As de número 4 e 5, são aquelas que aprendemos a diminuir a sua manifestação;
- c) O número 3, é a que não necessitamos nem diminuir nem exagerar, pois lidamos com elas de forma mais natural.

Perguntas para Discussão

- Para que serve diminuir ou exagerar a manifestação de certas emoções? Como aprendemos a fazer isso? Que custos isso pode trazer para vocês?

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

- Como a minha “MARTA” influi nas relações que estabeleço com as demais pessoas (parceiros, família, amigos, etc)?
- Qual é a função das emoções? Dar exemplos (o medo nos ajuda a avaliar situações de perigo, o afecto nos ajuda a demonstrar as pessoas o que sentimos por elas, a raiva para nos defendermos) e peça exemplo para o grupo.
- Que podemos fazer para expressar livremente nossas emoções? Como posso flexibilizar a expressão do que sinto? (Cada um poderá anotar suas reflexões pessoais e, se o desejarem, compartilhá-las em pequenos grupos).

GRUPO DE HOMENS: Chuva de ideias do que podem fazer para evitar conflitos violentos quando estão com raiva.

Resumo: Conseguir expressar nossas emoções sem causar danos a outros, nos ajuda em nosso próprio fortalecimento e a nos relacionarmos melhor com o mundo que nos rodeia. Geralmente, desde que nascemos, são impostas algumas ideias como, por exemplo, a de que os meninos não devem expressar medo ou que as meninas ficam feias quando demonstram raiva (que por sua vez, é estimulada entre os meninos).

Comente que as emoções não são nem boas nem más, nem femininas nem masculinas, são características humanas. Que não somos responsáveis por sentirmos determinadas emoções, mas sim pelo que fazemos com o que sentimos. Em relação à raiva, é importante que o grupo reconheça a diferença entre a violência e a expressão direta e verbal da raiva.

Aponte que o nosso corpo nos dá sinais (tremor, transpiração, arrepios...) de quando estamos com medo, com raiva ou outra emoção, e que é muito importante que consigamos compreender estes sinais para que possamos tomar as decisões mais adequadas para a situação, especialmente, sem nos colocar em risco e colocar outras pessoas em risco.

Actividade 6 – Cuidando de Si: Género e Saúde (A Loteria da Vida)

Objetivos: Abordar impactos negativos para homens e mulheres advindos, em grande parte, das construções de género que foram abordadas a pouco.

Material: Cópias da folha de apoio, cartolina, lápis, hidrocor ou caneta.

Notas para o planeamento: A cartolina pode ser substituída por um quadro ou “flip-chart”. Caso não tenha à disposição esses materiais, basta ler em voz alta as perguntas e respostas. Para grupos com dificuldade de leitura, a cartela também pode ser substituída pela leitura em voz alta.

Procedimentos:

1. Divida os participantes em grupos menores.
2. Entregue uma cópia da folha de apoio para cada grupo (ou copie as perguntas no quadro).
3. Apresente a “loteria da vida” aos participantes, informando que nela existem três colunas: Homem, Mulher e Ambos. O grupo deverá responder as perguntas, marcando com um “X” a resposta que achar correta.

4. Dê 10 minutos para que o grupo discuta e marque as respostas.
5. Em seguida, reproduza a tabela no quadro ou numa cartolina e leia cada questão. Pergunte as respostas dos grupos e anote-as no quadro ou cartolina.
6. Explore as respostas dos grupos, solicitando justificativas.
7. Ao final, volte para o quadro e marque com um grande “X” as respostas corretas.
8. Abra para a discussão:

► Vocês sabiam dessas informações?

► Por que vocês acham que isso acontece? Pense para cada linha da tabela algumas das diferenças entre homens e mulheres mencionados antes: por exemplo, ser forte ou corajoso, tomar riscos, beber, usar drogas, pode ser relacionado a alguns dos problemas de saúde mencionados.

► Como é possível evitar?

► Que consequências esses comportamentos autodestrutivos podem ter para o bem-estar, segurança e a saúde da família e das pessoas que convivem (amigos, namoradas/os) com esses homens?

Perguntas para discussão

- Normalmente, quem cuida melhor da saúde, homens ou mulheres? Por quê?
- Que tipo de coisa acontece durante a nossa infância e adolescência que pode influenciar nesse maior envolvimento dos homens com a violência?
- A partir do que foi visto na atividade, acreditam que homens e mulheres têm as mesmas necessidades quando se fala em segurança pública?

Resumo: Encerre o grupo, lembrando que:

- A maioria das causas de morte dos homens está associada ao estilo de vida autodestrutivo que muitos reproduzem e que o cuidado com a saúde, através de medidas preventivas, é um dos principais caminhos para mudar esse quadro.
- Em todo mundo, as mulheres estão menos expostas a violência letal, mas ao mesmo tempo, têm o seu local de moradia como o mais perigoso. Demonstrar como todas estas situações estão ligadas a socialização e educação de homens e mulheres, trazendo exemplos, sempre que possível.

“Loteria da Vida”

	HOMEM	MULHER	AMBOS
1. Quem tem a menor expectativa de vida?			
2. Quem morre mais por assassinato?			
3. Quem morre mais por suicídio?			
4. Quem morre mais em acidentes de trânsito?			
5. Quem morre mais em acidentes de trabalho?			
6. Quem consome mais bebida alcoólica?			
7. Quem morre mais devido ao uso abusivo de drogas?			
8. Entre crianças (0-12 anos), quem morre mais?			
9. Entre adolescentes (13-18 anos), quem morre mais?			
10. Quem está mais infectado pelo VIH/SIDA?			
11. Quem está mais em risco de sofrer agressões físicas dentro de casa?			
12. Quem é a maior vítima de violação sexual?			
13. Quem sofre mais assédio sexual no ambiente de trabalho?			
14. Quem sofre mais abuso sexual durante a infância e adolescência?			

Explicar tarefa de casa “A violência à minha volta”

Fale para os/as participantes que durante a semana deverão manter uma espécie de “diário de campo” onde anotarão as diferentes formas de violência que observarem em seu quotidiano – seja em casa, na escola, na rua, na mídia, no trabalho e em outros lugares. Deixe claro que não precisam ser violências que foram sofridas por eles/as e que se sofrerem alguma, não precisam se expor, podem apenas falar que foi com outra pessoa.

Em resumo, devem responder as seguintes questões:

- O que vi? O que senti frente a esta violência?
- O que fiz? O que posso fazer para mudar ou intervir na situação?

Avise que daremos início ao nosso próximo encontro debatendo as situações por eles/as apresentadas, por isso, é de grande importância que façam a tarefa.

3º DIA DA FORMAÇÃO DOS/DAS ATIVISTAS

Actividade 1 – A Violência à minha volta

Objectivo: Discutir de forma crítica a violência que vemos na vida cotidiana, incluindo aquela que acontece na rua, em nossas casas, na escola, no lugar de trabalho, e na mídia.

Materiais necessários: Um caderno para cada participante.

Tempo recomendado: Uma hora para a técnica em grupo. Uma semana para fazer o “trabalho de campo”.

Dicas/notas para planeamento: Essa técnica é para ser usada como “dever de casa”. Os participantes

vão manter um “diário de campo” durante uma semana sobre formas de violência que eles veem na sua vida quotidiana, seja na rua, em casa, na escola, no lugar de trabalho, na mídia e em outros lugares. Este diário é um pequeno caderno onde o participante deve registrar o que viu, o que sentiu, o que pensou ou pode fazer diante de uma situação de violência. O facilitador deve apresentar esta técnica uma semana antes do dia da apresentação dos resultados, explicando aos participantes o objectivo e entregando um caderno a cada um, para seu “diário de campo”.

Essa técnica tem por objectivo produzir uma reflexão crítica sobre as imagens veiculadas e as violências - pequenas e grandes - que testemunhamos, percebendo-as de forma crítica naquilo que se apresenta de maneira explícita ou sutil. Serve também para reconhecer o que o jovem percebe como violência - alguns hábitos e atitudes já se encontram de tal modo incorporados que nem se percebem “as pequenas violências de cada dia”. Saímos do campo da agressão física, da coerção que intimida, que são exemplos mais óbvios, para outras demonstrações mais sutis de violência interpessoal, intergrupual ou institucional.

Procedimento:

1. Uma semana antes, explicar para os jovens que eles vão fazer um “diário de campo” sobre a violência que eles vêem a sua volta. Explicar que a ideia do “diário” é que eles anotem actos de violência ou imagens violentas que eles observam ao seu redor durante uma semana. Sugerir que eles observem nas suas escolas, em casa, na rua, nos locais de trabalho, na comunidade, na mídia (quer dizer na televisão, revistas, jornais etc.) e em outros lugares que frequentam. O grau de detalhe do diário depende deles. Podem descrever em poucas palavras, escrever uma frase ou sentimentos e pensamentos que tiverem sobre a violência observada.
2. Dê a seguinte sugestão para os participantes como um formato para o diário: (1) O que vi?; (2) O que senti quando vi?; (3) O que fiz? (4) O que poderia fazer para intervir ou mudar esta situação?
3. Na semana seguinte, perguntar aos participantes como foi fazer o diário e se de facto observaram violências e imagens de violência.
4. Dividir os participantes em grupos menores de 4-5 participantes e pedir que nestes grupos, apresentem seus diários, falando para o grupo sobre as imagens e actos de violência que viram.
5. Ao formar os grupos, pedir que cada grupo identifique um relator que vai apresentar às demais as conclusões do seu grupo.
6. Dar aproximadamente 20 minutos para os grupos discutirem seus diários e conclusões.
7. Formar o grupo grande novamente e pedir aos relatores de cada grupo para fazer uma pequena apresentação para todo o grupo (no máximo 5 minutos).
8. Quando todos os grupos tiverem apresentado suas conclusões, discutir as questões a seguir.

Perguntas para discussão

- Quais são os tipos de violência mais comuns que vemos a nossa volta?
- Quais são as imagens de violência que vemos na mídia? Por que será que a mídia mostra tantas imagens de violência?

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

- Quais são os lugares onde mais vemos ou observamos violência?
- Observando esta violência ou imagens de violência, as pessoas violentas eram geralmente homens ou mulheres? Jovens ou adultos?
- E as vítimas? Eram geralmente homens ou mulheres? Jovens ou adultos?
- Como sentimos, ao observar esta violência, seja na vida real ou na mídia?
- Quais seriam os efeitos ou as consequências para nós mesmos de tanta violência em nossa vida quotidiana?
- Quais seriam os efeitos ou consequências de vermos tanta violência na mídia?

Resumo: Se tiver recursos disponíveis, como resumo o/a facilitador/a pode preparar uma apresentação em power-point ou utilizar diferentes revistas e jornais e propor uma colagem com várias imagens de violência do seu país e/ou região e depois debater as mesmas.

Actividade 2 – Poder e Violência

Objectivo: Discutir sobre a existência de uma relação directa entre poder e violência; que a violência é comumente cometida por pessoas que detém poder contra pessoas que têm menos poder e que o poder se expressa de diversas formas, não sendo apenas físico.

Procedimento: 1. Fale para o grupo que tentaremos, nesta actividade, compreender porque a violência acontece. Aponte para o poster com a definição do que é violência “*A violência é qualquer uso de força que traz prejuízos para um individuo ou para um grupo.*”

2. Peça que reflectam sobre a seguinte questão, pensem por um minuto nas violências que observam em seu quotidiano, seja no trabalho ou na localidade aonde vivem. Pense nas pessoas ou grupos de pessoas que geralmente são as maiores vítimas de diversos tipos de violência.

3. A seguir, desenhe uma tabela com três colunas no quadro e faça a seguinte pergunta:

- Quais as pessoas que vocês colocariam na coluna 1, isto é, quem são as pessoas que geralmente sofrem violência?

Escute as respostas dos/as participantes e as anote na primeira coluna.

Vítimas	Perpetradores/agressores	Tipos de violência

Agora, com as respostas da primeira coluna, parta para a próxima discussão. (É importante que você siga os passos na sequencia determinada).

4. Peça que os/as participantes pensem quem geralmente comete violências contra as pessoas do primeiro grupo (por exemplo, se crianças foram identificadas como a primeira categoria de vítimas, peça que os/as participantes identifiquem quem comete estas violências). Anote suas respostas na segunda coluna.

5. Depois, peça que os/as participantes pensem nas maneiras que essas violências são praticadas, ou nos formatos que tomam (por exemplo, se crianças foram identificadas como vítimas e seus pais/mães e professores/as como agressores, peça que pensem sobre que tipos de violência são cometidas). Anote na terceira coluna.

Agora você tem uma tabela preenchida para a primeira categoria de vítimas de violência. Isto é, você sabe quem comete esta violência e quais as suas formas.

Realize o mesmo passo a passo para a próxima categoria de pessoas identificadas como vítimas e depois, na próxima.

Uma tabela típica é ilustrada abaixo.

Vítimas	Perpetradores/agressores	Tipos de violência
Crianças	Pai e mãe, Professores	Espancamento, abandono, injúria
Pessoas pobres	Polícia, Empregadores	Salários baixos, abuso físico, assédio
Mulheres	Maridos, Familiares	Espancamento, estupro, assédio

6. Faça um resumo da tabela formulada depois faça as seguintes perguntas aos/as participantes:

- Porque as pessoas da segunda coluna cometem violência? Será porque são pessoas más?
- O que as pessoas da segunda coluna têm em comum?

Deixe o grupo responder, depois explique os seguintes pontos:

Uma coisa que as pessoas na segunda coluna têm em comum é que todos detêm mais poder do que as pessoas da primeira coluna. Isto é, em todos os casos, a violência é praticada por alguém que possui mais poder, contra alguém que possui menos poder. Isto significa que **ter poder está relacionado a quem comete violência e contra quem se comete**.

Antes de aprofundar a discussão sobre a relação entre actos de violência e poder, desenvolva a actividade “**Pessoas e Coisas**”.

Com esta actividade, pretendemos que os/as participantes compreendam esta relação de uma maneira mais lúdica e dinâmica, sem ser necessário recorrer apenas a explicações e debates orais.

Actividade 3 – Pessoas e Coisas

Objetivo: facilitar o reconhecimento das relações de poder e identificar os códigos de comunicação que são utilizados nestas relações. Analisar como as relações de poder influenciam diversas situações em nossas vidas: vulnerabilidade a violência, negociação de práticas de sexo seguro, etc.

Dicas/notas para planeamento: lembre-se que, geralmente, quando os papéis se invertem, ou seja, quando uma pessoa deixa um papel de submissão e assume um de poder e autoridade, ao invés dela buscar relações de equidade, repete exatamente as mesmas relações de poder, mesmo já tendo passado por experiências que havia considerado injustas. É importante que, como educadores, enfatizemos o papel que os padrões culturais e sociais das relações de poder têm na vida das pessoas. Discutir como as pessoas que não se respeitam e não se aceitam, que vivem insatisfeitas consigo mesmas, necessitam exercer esse tipo de poder sobre os demais para sentirem que têm controle de suas vidas.

Procedimento

1. Divida o grupo em dois com uma linha imaginária. Cada lado deve ter um número igual de participantes.
2. Informe que o nome da actividade é “Coisas e Pessoas”. Escolha, aleatoriamente, um grupo para ser as “coisas” e outro para ser as “pessoas”.
3. Lei as regras para cada grupo:
 - a. COISAS: não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, não têm sexualidade, têm que fazer aquilo que as pessoas lhes ordenem. Se uma coisa quer se mover ou fazer algo, tem que pedir permissão à pessoa.
 - b. PESSOAS: as pessoas pensam, podem tomar decisões, têm sexualidade, sentem e, além disso, podem fazer o que quiserem com as coisas.
4. Peça para o grupo das “pessoas” escolher uma “coisas” e fazer com elas o que quiser. Poderão ordenar as “coisas” que façam quaisquer actividades.
5. Dê ao grupo de “pessoas” 5 minutos para usarem “coisas” dentro do espaço da sala.
6. Em seguida, peça que os papéis sejam invertidos e a actividade repetida durante mais 5 minutos.

Perguntas para discussão

- Como foi sua experiência?
- Como foi estar no grupo das “pessoas”?
- Como foi estar no grupo das “coisas”?
- Em nossa vida cotidiana, nós tratamos os outros dessa maneira?
- Em algum momento, já foram tratados como “coisas”? Como se sentiram?
- Quem? Por que?
- Como poderíamos modificar esta forma de tratamento?
- Há alguém que é sempre “pessoa” e alguém que é sempre “coisa”.

Pedir que participantes tragam alguns exemplos de como podemos ter poder e cometer violências em alguns momentos e não ter poder e sofrer violências em outros.

Discutir como esses papéis são constantemente “trocados”, em nossa família, no trabalho etc. Como a mesma pessoa pode ser “poderosa” em uma situação e ter pouco poder em outra. Tome o exemplo de um homem que espanca a sua mulher. Neste caso, ele detém mais poder, ele é o agressor. Agora imagine este mesmo homem em seu local de trabalho, onde há outras pessoas com mais poder do que ele e ele pode ser a vítima de violência. Outro exemplo: uma mulher numa posição de chefia numa empresa pode cometer um tipo de violência contra um homem ou uma mulher que é seu/ sua subalterno/a. Mas esta mesma mulher pode ser vítima de violência doméstica por parte do seu marido.

Geralmente, quando falamos de poder pensamos em força física, em alguém mais forte fisicamente se impondo contra uma pessoa mais fraca. Mas o poder nem sempre é físico.

Definição de “Violência”

No seu nível mais básico, a violência é uma forma de exercer controle ou poder sobre outra pessoa. A violência acontece quando alguém abusa de uma situação ou posição de poder. Quando falamos sobre violência, pensamos principalmente na agressão física. É importante, entretanto, pensar em outras formas de violência, assim como em contextos e circunstâncias diferentes em que a violência acontece. Seja contra mulheres, crianças, homens, idosos, indivíduos de diferentes grupos religiosos ou orientações sexuais, a violência é sempre uma violação dos direitos humanos

Actividade 3 – Definindo situações de violência contra a mulher

Objectivo: Apresentar diferentes situações de violência contra a mulher e conhecer como os/as participantes compreendem e definem o que é Violência Doméstica contra a Mulher.

Procedimento

1. Fale que agora que já discutimos sobre alguns tipos de violência, vamos começar a focar a nossa atenção para violências sofridas pelas mulheres.
2. Divida o grupo em cinco (05) e entregue uma das situações abaixo para cada um deles. (Tente manter os grupos com no mínimo 3 participantes. Se grupo tiver menos que 15 pessoas, divida em 3 ou 4. As histórias que ficarem de fora devem ser lidas pelos/as facilitadores/as e ter suas perguntas respondidas por todo o grupo.)
3. Dê 10 a 15 minutos para que leiam e respondam as questões internamente.
4. Retome o grande grupo e inicie o debate sobre cada situação a partir das respostas dos grupos.
5. Algumas questões que devem nortear o debate:
 - Essas situações são realistas?
 - Quais das situações se configuram como violentas? Quais das histórias são caso de polícia?
 - Quais os tipos de violência mais comuns num casamento ou namoro?
 - Quais são as causas dessas violências?
 - Quais as causas mais frequentes para violências ocorridas no âmbito doméstico, dentro do relacionamento?
6. Discuta brevemente as respostas, retomando com o grupo a relação das “causas” apontadas com o que foi discutido no primeiro encontro – relações de género – e nas actividades anteriores, poder e violência.

Imprimir situações e entregar para grupos:

1. Helder e Maria são casados. Helder convidou a sua família para um jantar em sua casa. Ele está ansioso para ter uma boa noite e quer impressionar a todos com uma casa bonita e boa comida e bebida. Mas quando chega em casa no começo da noite, nada está preparado. Maria não se estava a sentir bem e ainda não tinha começado a fazer o jantar. Helder ficou muito decepcionado e bravo. Ele pensou logo no que sua mãe e seu pai achariam da situação e imaginou seu irmão mais velho dizendo que ele não tinha autoridade sobre a sua esposa. Ele começou a discutir com Maria e ela respondeu dizendo que tentou falar com ele várias vezes

durante o dia. Ele começou a gritar, falando que ela era uma péssima esposa, que se arrependia todos os dias de ter casado com ela e não com a outra namorada que tinha. Depois falou que só não batia nela pois os convidados chegariam em poucas horas, mas que ela se preparasse pois mais tarde seria diferente.

- *Que tipo de violência foi cometida aqui?*
 - *Você acha que Helder estava certo em agir dessa forma? Como Maria deveria reagir?*
2. Carla e Joana têm 20 anos. As duas trabalharam muito durante a semana e como é sexta-feira, querem sair pra beber e se divertir. Elas decidem ir para uma discoteca e ainda no começo da noite fazem amizade com um grupo de homens. Mais tarde, Joana fica com um deles. Algum tempo depois ela avisa pra Carla que vai sair com este homem. Carla pergunta se ela tem certeza, já que ela já bebeu bastante, mas Joana diz que está tudo bem e vai embora. No dia seguinte, Carla recebe um telefonema logo cedo. É Joana, ela chora de maneira descontrolada e diz que foi violada pelo homem da discoteca.
- *O que acham dessa situação? Acham que houve violência?*
 - *O que Joana deve fazer? Qual será a reação de Maria?*
3. Sandra chega em casa às 6 da noite, ela é zungueira, tinha saído às 05h da manhã e ainda terá que fazer o jantar, arrumar coisas na casa e cuidar das crianças. O seu marido chega uma hora depois, vai direto pra mesa, janta e depois vai assistir televisão. As 10h da noite, quando termina todas as tarefas, Sandra está muito cansada e só consegue pensar em dormir. Nesse momento, seu marido entra no quarto e começa a lhe tocar. Ela diz que não quer fazer sexo, que precisa dormir, mas ele a ignora e continua a lhe tocar. Ela continua a dizer que não quer, mas ele cobre a sua boca com força e diz que é sua obrigação como esposa, que já não fazem sexo há três dias e que ele não vai esperar mais. Temendo ser agredida, ela não resiste mais.
- *Isso é violência? Que tipo?*
 - *O que há de errado com essa situação?*
 - *Sandra e o seu marido poderiam ter reagido de formas diferentes?*
4. Marcos e Verónica são casados a 4 anos. Marcos sai de casa cedo e passa o dia no trabalho. Verónica deixou de trabalhar desde que casou com ele e passa a maior parte do tempo cuidando da casa e de seus dois filhos. Com frequência, quando Marcos chega em casa Verónica está conversando com o vizinho. Aquilo o incómoda, mas ela sempre diz que ele não tem motivo algum para ter ciúmes. Um dia, um amigo diz para Marcos que viu o vizinho a entrar em sua casa. Ele chega em casa transtornado, grita, parte alguns coisas e a agride violentamente.
- *O que acham da situação? Houve violência? Que tipo?*
 - *O que há de errado com essa situação? Como poderia ser diferente?*
 - *Marcos estava errado? Ele poderia agir diferentemente? Verónica fez algo errado?*
5. Roberta esta muito feliz, com 20 anos ela conseguiu um emprego como secretária numa empresa. Ela deseja fazer faculdade de administração e acha que esse pode ser um bom começo para sua carreira. Sendo seu primeiro emprego ela sabe que haverá muitos desafios, mas ela se mostra confiante. No entanto, já nas primeiras semanas ela notou que teria que lidar com uma situação muito difícil, o assédio de um superior. No começo ele fazia alguns elogios, falava que ela era muito bonita e que estava fazendo um bom trabalho, mas com o tempo, começou a insistir que eles tinham que se conhecer melhor. Roberta não tinha interesse algum nele, que era bem mais velho do que ela e casado, mas ficava cada vez mais difícil fingir ser simpática e respeitosa. Essa situação continuou por mais algumas semanas, ate que ele se aproximou dela e falou “Eu posso facilitar muito a sua vida na empresa ou torna-la impossível. O que você escolhe?”

- *O que acham da situação? É realista?*
 - *Houve violência? Que tipo? Como Roberta deveria agir?*
 - *Isso também acontece com homens? Também seria violência?*
6. Maria tem 13 anos, ela é a mais nova de uma família de 6 irmãos e está na 8ª classe. Desde criança ela era muito bonita e isso sempre foi motivo de alegria para ela, já que gostava de ouvir elogios de seus familiares. No entanto, nos últimos anos isso mudou, o que era alegria passou a ser motivo de medo e tristeza. A partir dos 11 anos, quando o seu corpo começou a passar pelas mudanças naturais da puberdade, ela notou que os homens na rua passaram a olhar de uma maneira diferente para ela e logo depois, a lhe falar coisas. Toda vez que vai para a rua escuta os mais diversos comentários, “Ah, se eu não fosse casado”, “Que pernas!”, geralmente vindos de homens muito mais velhos. Ela, que sempre gostou de se cuidar, passou a usar roupas largas e a evitar sair de casa sozinha.
- *O que acham da situação? Isso acontece?*
 - *Quando isso acontece com uma mulher adulta, há algum problema?*
 - *Existe alguma violência nisso? Que tipo?*

Actividade 3 – Mitos e Verdades sobre a Violência contra a mulher

Objectivo: Apresentar e discutir sobre diferentes mitos que cercam as situações de violência doméstica contra as mulheres. Aprofundar o debate sobre os diversos motivos que levam várias mulheres a permanecerem durante muitos anos em relacionamentos violentos, tendo a Roda do Poder e do Controle como base para a discussão.

Procedimento

1. Iniciar a actividade numa breve “tempestade de ideias”, pedindo que os/as participantes
2. Posicionar três placas em cantos ou lugares diferentes da sala:

CONCORDO | TENHO DÚVIDAS | DISCORDO

3. Apresentar as situações descritas abaixo e pedir que se direcionem à placa que melhor representa suas respostas.
 4. Desenhar uma tabela no quadro e anotar a resposta para cada uma das nove situações.
 5. Após cada rodada, pedir que ao menos um voluntário argumente a razão de sua resposta, sempre que possível, trazendo exemplos concretos de coisas observadas em seu trabalho, na esquadra ou fora dele. Sempre que houver respostas contrárias, fazer um breve debate.
 6. Após os comentários dos/as participantes e dos/as facilitadores, perguntar se alguém deseja mudar a sua resposta. Anotar as possíveis mudanças de opinião no quadro.
- 1. Num relacionamento violento, o momento de maior risco para a mulher é quando ela decide se separar. CERTO**

Observação/argumento: *Como já discutimos, uma das principais razões deste tipo de violência é o desejo de controlar e dominar a outra pessoa. Estudos indicam que muitos homicídios acontecem justamente quando a mulher tenta se separar: esse é o momento em que o agressor percebe que “perdeu” e que já não consegue mais dominar e controlar sua parceira por isso se torna mais agressivo.*

2. A violência doméstica contra a mulher geralmente envolve actos repetitivos, que vão se agravando, em frequência e intensidade. CERTO

Obs./argumento: *Geralmente, a violência física só começa a acontecer após anos de abusos psicológicos e emocionais, que vão minando a autoestima da vítima. Além do medo permanente, esse tipo de violência pode resultar em danos físicos e psicológicos duradouros.*

3. O consumo abusivo de álcool e outras drogas é responsável por uma grande parte dos actos de violência doméstica contra a mulher. ERRADO

Obs./argumento: *Muitas vezes, a violência doméstica vem acompanhada de outros problemas como pobreza, alcoolismo, uso e abuso de drogas, problemas mentais etc. O contexto que faz surgir esta violência geralmente é bastante complexo, mas normalmente esses são problemas adicionais e NÃO AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA!*

4. É mais comum um homem cometer actos de agressão pois eles são naturalmente mais violentos do que as mulheres. ERRADO

Obs./argumento: *Os homens não são naturalmente violentos, eles aprendem a ser violentos. A associação entre masculinidade, guerra, força e poder é uma construção cultural. Da mesma forma, a paz, a emoção e a vocação para cuidar não são qualidades naturais da mulher.*

5. Crianças que assistem a repetidas cenas de violência na família podem ter problemas de aprendizado e de relacionamento e desenvolver outros distúrbios psicológicos durante a vida adulta. CERTO

Obs./argumento: *As crianças podem ficar isoladas, amedrontadas e quietas, ou mesmo agressivas. Também há diversos estudos que apontam a maior probabilidade das meninas virem a sofrer violências em seus futuros relacionamentos e dos meninos virem a cometer violências em seus futuros relacionamentos.*

6. A violência doméstica é um fenómeno mais presente em famílias pobres. ERRADO

Obs./argumento: *Diversas pesquisas mostram que ela acontece em todas as classes sociais. Nas situações de pobreza, os casos de violência acabam sendo mais visíveis, chegando mais vezes à polícia e aos centros de atenção.*

7. A violência doméstica (tanto a física quanto psicológica) pode trazer implicações graves e duradouras para a saúde física e mental das mulheres. CERTO

Obs./argumento: *A Organização Mundial de Saúde e diversas outras instituições apontam que algumas destas implicações podem ser: depressão, distúrbios alimentares, enxaquecas e fortes dores de cabeça, distúrbios do sono, distúrbios gastrointestinais, alcoolismo, chegando até ao suicídio.*

8. A violência física é a forma mais grave de violência doméstica.

Obs./argumento: *Estudos indicam que a violência doméstica pode se expressar por agressões físicas, emocionais/psicológicas, económica e sexual. Muitas vítimas afirmam que os abusos emocionais/psicológicos são os que as afetam de maneira mais profunda e duradoura, porém, não é possível quantificar dor e sofrimento, por isso, não é possível dizer que esta afirmação é certa ou errada.*

O importante é ter em mente que as violências psicológicas podem ser tão ou mais graves do que as físicas e sempre lembrar que toda agressão física vem acompanhada de violências emocionais e psicológicas.

9. Homens que agredem suas parceiras possuem algum distúrbio mental. ERRADO

Obs./argumento: Estudos clínicos sobre o tema não apoiam esta hipótese. A maioria dos agressores não sofre de qualquer tipo de distúrbio mental. Por outro lado, é mais comum encontrar vítimas que os distúrbios mentais as tornaram alvo de violência e outras que acabaram adquirindo distúrbios mentais como consequência das violências sofridas de forma reiterada.

10. Em alguns casos, tanto o homem quanto a mulher podem ser violentos e praticar agressões físicas ou verbais. CERTO *(Porém, muitas vezes, o contexto destas violências é bem distinto, como demonstra o quadro abaixo)*

VOCÊ JÁ DEVE TER CONHECIDO ALGUNS HOMENS QUE SE QUEIXAM DA VIOLÊNCIA DE SUAS PARCEIRAS. MAS JÁ OUVIU FALAR DE UM HOMEM...¹²

1. Que vive aterrorizado, temendo os ataques da mulher?
2. Que seja abusado sexualmente por ela?
3. Que tenha se isolado dos familiares e amigos por pressão ou por vergonha da situação que está vivendo?
4. Que tenha perdido a liberdade de ir aonde quer, de trabalhar ou estudar?
5. Que viva assustado por não conseguir proteger os filhos?
6. Que se sinta o tempo todo humilhado e desqualificado, impotente e sem saída?
7. Que viva pisando em ovos para não despertar a ira da mulher?
8. Que seja totalmente dependente dos ganhos da companheira e, portanto, sem nenhuma autonomia?
9. Que tenha perdido a auto-estima e esteja destruído psicologicamente pela parceira?
10. Que tenha medo de deixá-la e que acabe sendo morto por falta de proteção?

Estudos que acompanham mulheres vítimas de violência doméstica demonstram que essas são situações vivenciadas comumente por estas mulheres.

5º DIA DA FORMAÇÃO DOS/DAS ATIVISTAS

Actividade 1 – A árvore de problemas

Objectivos: Entender as causas e os efeitos da Violência

Materiais: Flipchart, Pincéis atômicos, Pedacos de Papel

Passos

1. Divida os participantes em 4 grupos menores. A cada grupo será dada a tarefa de desenhar a árvore dos problemas. Pergunte se alguém no grupo já teve a experiência de fazer uma árvore de problemas. Explicar que desenhar uma árvore de problemas é um jeito de pensar e de explicar de forma visual as causas e consequências de um tema. Dê aos grupos as seguintes instruções.

¹²“Enfrentando a Violência Contra a Mulher: Guia Prático para Profissionais e Voluntários”

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

2. Devem começar desenhando o tronco da árvore numa folha de flipchart (deixando espaço no topo e na base da folha). Pergunte aos participantes quais são os tipos de Violência Baseada em Género mais graves em suas comunidades. Essas devem ser escritas no tronco (por ex.: violência no relacionamento, violência sexual, assédio sexual etc).
3. Depois peça que pensem nas principais causas destas violências. Essas serão as raízes da árvore.
4. Por fim, o grupo deve pensar nos efeitos/ consequências da Violência Baseada em Género para as suas vítimas. Depois de chegar a um consenso sobre quais são os efeitos, devem desenhar os galhos e escreve-los.
5. Quanto todos tiverem terminado, devem colocar seus trabalhos nas paredes. Peça que todos andem pela sala e vejam o que os outros grupos fizeram.
6. Retome o grande grupo e abra para discussão:
 - Os grupos identificaram as mesmas violências como as principais? Acrescente violências importantes que foram deixadas de fora.
 - Os grupos identificaram as mesmas causas? Quais foram diferentes? Gostariam de rever alguma causa? Acrescente causas importantes que foram deixadas de fora.
 - Os grupos identificaram as mesmas consequências? Quais foram diferentes? Gostariam de rever alguma? Acrescente consequências importantes que foram deixadas de fora.

Actividade 2 – Mapeamento comunitário

Objectivos: ao término desta actividade, os/as participantes deverão ser capazes de: Descrever os tipos de apoio e serviços que vítimas de violência baseada em género (VBG) necessitam; Identificar os possíveis locais de apoio e serviços disponíveis em suas comunidades, assim como as possíveis barreiras que as vítimas podem encontrar para ter acesso a estes serviços ou áreas de apoio; Identificar lacunas no apoio e serviços a vítimas de VBG em suas comunidades.

Materiais: Flipchart ou cartolina, marcadores coloridos e fita adesiva.

Passos:

1. Peça que os/as participantes pensem por um momento nas consequências da violência baseada em género. Depois, peça que pensem nos tipos de apoio, ajuda e serviços que as vítimas dessas violências necessitam para que possam melhor lidar com essas consequências. Encoraje o grupo a ser o mais específico possível sobre os serviços de atenção e apoio necessários e anote suas respostas no flipchart/cartolina.
2. Depois, pergunte se algum participante já fez alguma actividade de mapeamento. Se alguém já fez, peça que compartilhe a experiência com o grupo. Depois explique que há diversos tipos de “mapeamento comunitário”, sendo um dos mais simples desenhar uma vista o mais realística possível da comunidade, destacando lugares importantes para o tema da violência baseada em género.
3. Divida o grupo em grupos menores e diga que cada um deve fazer um mapa que mostre os lugares onde há serviços de atenção e apoio a vítimas de VBG, assim como lugares que também

poderiam actuar mais com esse tema. Dê 10 minutos para que discutam sobre os serviços que identificaram - entre os que existem e outros que também poderiam ser envolvidos com o tema (ex. instituições de saúde, polícia, ONG, igrejas etc.). Depois, dê outros 10 minutos para que desenhem seus mapas, destacando com uma cor os serviços já existentes e com outra os que poderiam ser criados.

4. Após retomar o grande grupo, peça que um representante de cada grupo apresente o seu mapa, destacando os serviços apontados e fazendo um resumo do que discutiram.
5. Após os mapas serem apresentados, facilite um debate com as seguintes perguntas:
 - Quais foram as maiores semelhanças entre os mapas?
 - Como vêem a situação da comunidade em relação a serviços de apoio e atenção as vítimas de violência baseada em género?
 - Que serviços essenciais não estão disponíveis?

Resumo: Responder ao grave problema da VBG requer a acção e a colaboração de diversos sectores – saúde, polícia, serviços legais, educação etc. No decorrer de nossa campanha, um tema que precisaremos discutir com frequência é o aumento da quantidade e qualidade dos serviços para vítimas de VBG. Nos nossos materiais de divulgação, também teremos que listar os serviços disponíveis e explicar de maneira simples como as vítimas podem ter acesso aos mesmos.

Actividade 3 – Lidando com resistências e oposições

Objectivos: desenvolver as habilidades necessárias para lidar de modo eficaz com a oposição e resistência ao nosso trabalho de activista pela equidade de género e fim da violência baseada em género.

Materiais: flipchart, marcadores, folha de recurso e handout.

Preparação: Antes do início da actividade, escreva as seguintes afirmações em cartões.

- A Lei de Violência Doméstica também deveria enfatizar a violência sofrida por homens.
- Se a violência doméstica é um problema tão grande, porque tantas mulheres permanecem nessa situação? Se elas não saem, porque devemos ajuda-las?
- Uma mulher que anda sozinha a noite e usa roupas inapropriadas está pedindo para ser violada! Ela sabe que está assumindo um risco.
- Nossa sociedade tem papéis para homens e mulheres e sempre foi assim. Porque vamos querer modificar a nossa cultura? Temos que respeitar o africanismo e negar essas influências externas!
- As vezes é preciso mostrar às mulheres o que elas precisam fazer. Como homens, é nosso papel fazer isso.
- Essa questão de igualdade é um problema das mulheres. Se elas querem mudança, elas que façam alguma coisa. Porque temos que nos envolver?
- A violência baseada em género é um problema de quem sofre e comete. Eu não sou um homem violento, não tenho nada pra mudar ou fazer, vocês devem falar com quem é violento.

Passos:

1. Comece perguntando aos/às participantes como acham que as pessoas da comunidade irão reagir à nossa campanha. Depois pergunte se as pessoas da comunidade apoiam a igualdade de género. Pergunte que tipos de barreiras eles/as encontram quando trabalham com o tema de género e VBG.
2. Pergunte quais os argumentos contrários ao nosso trabalho podem ser suscitados e os anote no quadro. Depois, faça uma rodada no grupo levantando possíveis contra-argumentos que podemos utilizar.
3. Explique que nem todos apoiarão o nosso trabalho e podemos até encontrar uma oposição frontal ao que estamos fazendo. No caso, o mais importante é conseguirmos sensibilizar o maior número de pessoas possíveis e também identificar e sensibilizar pessoas que são formadoras de opinião na região.
4. Enfatize que qualquer trabalho de advocacia (apresentar definição) depende deste convencimento/sensibilização e apresente os dois primeiros parágrafos da folha de recurso 4 – Respondendo à oposição e crítica: lidando com a discordância.
 - Peça que participantes identifiquem alguns dos recursos dos “opositores” (ex. porque algumas pessoas vão criticar e se opor à campanha). Anote no flipchart e inclua as razões da folha de recurso que não forem colocadas.
 - Destaque as estratégias para lidar com opiniões contrárias usando o power point ou flipchart preparado em antecedência.
 - Explique como defender a campanha e use o KISS – Keep it short and simple (mantenha curto e rápido).
5. Separe o grupo em dois e dê a um grupo a tarefa de defender a Campanha e a outro a de atacar/criticar a Campanha. Forme duas fileiras de cadeira, uma de frente para a outra. Frente a frente, serão formadas duplas de debate. Depois, entregue cartões com algumas afirmações a ser usadas pela “oposição”.
6. Depois, explique que faremos uma encenação dum encontro/reunião comunitária que debaterá a campanha. O objetivo disso é aprender a defendê-la. Um por um, os membros da “oposição” devem ler seus cartões e os representantes da campanha devem rapidamente contra-argumentar defendendo a campanha. (Revise as estratégias na última página da folha de recurso antes de dar início à actividade).
7. Depois de todas as duplas terem participado, pergunte se os participantes têm outras estratégias/respostas para os “opositores”. Para ajudar, use exemplos da folha de recurso – Respondendo os opositores, para trazer “argumentos de defesa” que não foram utilizados.
8. Retome o grande círculo e encerre a sessão com as seguintes perguntas:
 - Como sentiram-se sendo activistas/defensores da campanha e opositores?
 - Quais são as principais estratégias para defender a nossa campanha?
 - Aprenderam alguma habilidade neste exercício? Qual?

FOLHA DE RECURSO - Respondendo à oposição e crítica: lidando com o contrário

Quase todo trabalho de advocacia e activismo se resume à tarefa de convencer diferentes pessoas a apoiar a sua causa. Para isso, é de extrema importância saber defender seus pontos de vista. Até pessoas tidas como opositoras dos direitos das mulheres e da igualdade entre homens e mulheres podem mudar de lado e passar a apoiar essas acções quando recebem as informações claras, são escutadas com atenção, tem suas perguntas respondidas e são convidadas a contribuir para o debate. Temos aqui o foco de nosso trabalho:

- dar informações resumidas e claras;
- escutar os argumentos dos outros com atenção;
- responder as perguntas feitas de maneira clara e segura;

Identificando “opositores”

- É muito importante saber quem são os principais opositores ao nosso trabalho.
- Também é importante saber as razões pelas quais eles se opõem e que argumentos e estratégias eles usarão contra o nosso trabalho.
- Algumas pessoas se mostram contrárias por acreditar que foram deixadas de fora (não foram consultadas), por isso, é importante manter as portas abertas para contribuições e para o envolvimento de pessoas de diversas áreas de nossa comunidade.
- Nesse processo, é de grande importância identificar e convidar pessoas da comunidade que são formadores de opinião, como membros de igrejas, pessoas mais velhas, rádios etc. Conquistar o apoio dessas pessoas significa uma divulgação muito mais ampla do nosso trabalho.

Como lidar com oposição e críticas

- O primeiro passo para lidar com pessoas que não querem participar ou que se mostram contrárias é as escutar. Escutar atentamente demonstra respeito e facilita a aproximação e o diálogo.
- A ferramenta mais importante para convencer críticos é a informação clara e concisa. As pessoas formam opiniões com base nas informações que possuem. Dar mais informações pode fazer com que reavaliem suas opiniões. Outros podem querer falar sobre moral e se o trabalho que estamos fazendo é apoiado ou é contrário aos valores culturais e religiosos de Angola e da comunidade. Um activista de género deve aprender a escutar e compreender as entrelinhas nas falas dos críticos e respondê-las.

Estratégias

- Trabalhe em parceria/rede com outras organizações.
- Pense estrategicamente. Um líder influente pode ajudar a convencer muitas pessoas. Antes de tentar atingir toda uma população, identifique alguns “líderes” e pense em como convence-los/as da importância do seu trabalho.

Textos de Apoio para Activistas da Campanha

- Prepare-se. Se antecipe às críticas que poderão ser feitas e procure respostas.
- Fale de uma maneira que todos possam compreender. Evite usar termos técnicos.
- Escolha uma mensagem clara.
- Saiba quando responder. As vezes é bom concordar com parte do argumento dos críticos para facilitar o diálogo, mas em outras, concordar ou ficar em silencio pode fortalece-los. Quando eles utilizarem informações incorrectas, é importante dar uma resposta embalsada, com factos e às vezes, até de forma bem humorada. No entanto, ter uma discussão acalorada em público pode ser negativo para todos os envolvidos, então é importante manter a calma e saber quando parar.
- Encoraje debates abertos e civilizados.

Defendendo o seu trabalho de activista

1. Dê respostas curtas e simples.
2. Concorde com os críticos quando possível.
3. Use factos para apoiar seus argumentos.
4. Permaneça calmo.
5. Se informe sobre o que diferentes religiões falam sobre o assunto. Textos religiosos e livros como a Bíblia as vezes são muito contraditórios. Use essas contradições de forma positiva.

Actividade 4 – A Máquina

Objectivo: avaliação lúdica.

Procedimento: Explique para o grupo que o objectivo da actividade é construir uma “máquina” que represente o nosso grupo e os nossos objectivos enquanto activistas da “Campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica”.

Passo a passo: um voluntário vai para o centro da sala e faz um movimento e um som. O movimento deve representar o que aquela formação e o nosso grupo representam para ele. A partir dai, um por um todos vão para o centro e fazem um movimento que trabalhe junto com outro que já foi feito e também um som. Assim, teremos ao final uma “máquina” que representa a nossa coletividade. Quando a máquina tiver pronta, algumas “peças” podem sair e dar uma volta para vê-la de fora e poder perceber a conexão entre as várias peças que refletem a harmonia de um trabalho em equipa.